

# Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

# 292

Mês: Junho

Ano: 2023

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:

[www.jornaldeletras.com.br](http://www.jornaldeletras.com.br)



## Novos acadêmicos Heloísa Buarque de Hollanda e Ricardo Cavaliere

Foram eleitos para a Casa de Machado de Assis Heloísa Buarque de Hollanda e Ricardo Cavaliere e pela primeira vez na história da Academia Brasileira de Letras, o processo de votação foi feito com uma urna eletrônica do TRE. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)



Mais uma mulher entrou para a Academia Brasileira de Letras. Agora, é a nona imortal, Heloísa Buarque de Hollanda, prima do cantor que acaba de ser homenageado com o Prêmio Camões. Neste número do JORNAL DE LETRAS, escrevemos a respeito da autora, que era uma querida amiga da nossa inesquecível Rachel de Queiroz, bem como sobre o filólogo Ricardo Cavaliere, outro acadêmico recém-eleito para a Casa de Machado. Pela primeira vez na história da ABL, a eleição de ambos foi realizada em urnas eletrônicas do TRE. Há outras atrações de natureza jornalística, como nossos fiéis leitores poderão aquilatar, na leitura deste exemplar, como a premiação da escritora e nossa colaboradora Manoela Ferrari, com a importante Medalha da Inconfidência, em cerimônia realizada em Ouro Preto, com o prestígio de altas autoridades, como o prefeito Ângelo Oswaldo e o governador Romeu Zema. Seguimos em frente com as matérias de grande atração, como sempre.

O editor.



O pintor Mário Mendonça posa ao lado da escultura de Dom Quixote (de Mario Agostinelli), no Instituto Mário Mendonça (IMM), que possui uma das mais importantes coleções de arte contemporânea de Minas Gerais, em Tiradentes.

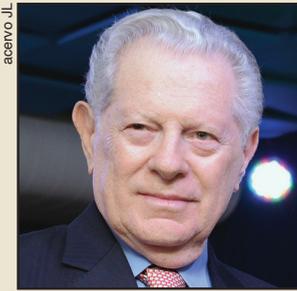
**Expediente**

**Diretor responsável:** Arnaldo Niskier  
**Editora-adjunta:** Beth Almeida  
**Colaboradora:** Manoela Ferrari

**Secretária executiva:** Andréia N. Ghelman  
**Redação:** R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

**Distribuidores:** Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048  
**Correspondentes:** António Valdemar (Lisboa).  
**Programação Visual:** CLS Programação Visual Ltda.  
**Fotolitos e impressão:** Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114  
**Versão digital:** www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



**De Rachel a Chico**

Foi mais do que justa a entrega do Prêmio Camões de Literatura a Chico Buarque de Hollanda por parte do presidente Lula, em sua recente visita a Lisboa. Foi uma concessão antiga, mas o ex-presidente Bolsonaro não quis fazer a entrega, e nem Chico se mostrou disposto a receber a láurea das suas mãos. Caso típico de incompatibilidade de gênios. Com um detalhe fundamental: além do diploma, assinado pelo Presidente da República (os dois), havia uma “homenagem” em dinheiro de 100 mil dólares (a metade por país).

Isso agora foi resolvido, com honra para todas as partes. Conheço bem a história desse prêmio. No ano de 1993, fui chamado ao gabinete do presidente da ABL, Austregésilo de Athayde, que me convidou para integrar o júri, ao lado de dois outros imortais: Oscar Dias Correa e João de Scantimburgo. Athayde, no seu caso, fez duas ponderações: a primeira é que eu seria o coordenador da bancada brasileira por ser o acadêmico mais antigo; a segunda é que ele fazia absoluta questão de dar o prêmio à sua querida amiga Rachel de Queiroz, no caso, por coincidência, minha madrinha na Casa de Machado de Assis.

Só senti o peso da missão quando entrei no avião e vi a família de Jorge Amado instalada em poltronas confortáveis. Estavam todos indo igualmente para Lisboa, com o mesmo propósito: dar o prêmio ao grande escritor baiano, muito querido em Portugal. Comentei com outro membro do júri que a parada iria ser duríssima. E foi.

Quando foi instalada a Comissão, com os representantes de Portugal, entendi que, por gentileza, deveria propor a presidência para a catedrática portuguesa da Universidade de Lisboa. Gesto de fidalguia. Mas ela retribuiu de forma estranha: abriu os trabalhos e logo propôs o nome de Jorge Amado para vencedor do prêmio. Como ficaria o meu compromisso com Athayde?

Durante cinco horas, dei as maiores voltas da minha vida. Comecei propondo que fosse uma mulher. Para experimentar o júri, sugeri o nome de Lygia Fagundes Telles. Não colou. Os portugueses insistiam em Jorge Amado (e com fortíssimas razões). Com o apoio dos meus parceiros, joguei o nome da Rachel na cena. Aí foi uma briga demorada. Até que um dos jurados portugueses se aborreceu e disse: “Querem saber de uma coisa, sou poeta, só voto em poetas. O meu candidato é Augusto de Campos.” Cutuquei o Oscar e lhe disse: “Ganhamos!” Tínhamos três votos, os portugueses ficaram com dois para o Jorge Amado e o Augusto de Campos com um. Tudo isso depois de cinco horas de debate.

Em tempo, o incrível Jorge Amado ganhou o Prêmio Camões do ano seguinte, por unanimidade.

“Quem opta pelo regime autoritário não tem fé nem apreço pela criação artística.”

Antonio Callado

“A ciência não é uma ilusão, mas seria uma ilusão acreditar que poderemos encontrar noutra lugar o que ela não nos pode dar.”

Sigmund Freud

# Cinco anos da Casa Roberto Marinho

Por Manoela Ferrari

Maria Leontina, óleo sobre tela, Os Enigmas 9 (1956).

Para marcar o aniversário de cinco anos (completados no dia 28 de abril), a Casa Roberto Marinho inaugurou três exposições com obras do modernismo brasileiro e de arte popular, que ficarão em cartaz

até o dia 16 de julho, no casarão da Rua Cosme Velho, número 1105.

No piso superior, a produção de Maria Leontina é exaltada na mostra *Gesto em suspensão* – um encontro entre Maria Leontina e Lélia Coelho Frota, evocando os quase 30 anos de convivência poética destas duas figuras da arte brasileira. A mostra reúne cerca de cem pinturas, desenhos e gravuras de Maria Leontina (1917-1984) em um recorte inédito e afetuoso de sua obra. Trabalhos raramente exibidos de diversas fases, pertencentes à família da artista, coleções particulares e outras instituições, fazem parte da seleção de Alexandre Franco Dacosta, filho da pintora, também artista visual, compositor e cineasta.

Nome de destaque do modernismo brasileiro, Leontina explorou o figurativismo de cunho expressionista, como se vê na obra *Retrato de mulher* (1949), e na série *As Orantes* (1966-1967). A partir da década de 1950, passou para o abstracionismo, representado na mostra pela pintura *Da paisagem e do tempo* (1950), bem como pela série *Os jogos e os enigmas*. Na década de 1960, realizou um painel de azulejos para o Edifício Copan e vitrais para a Igreja Episcopal Brasileira da Santíssima Trindade, ambos em São Paulo. Apesar de sua relevância, há muito tempo não se realizava uma exposição extensa dedicada à obra de Leontina, e *Gesto em suspensão* cobre esta

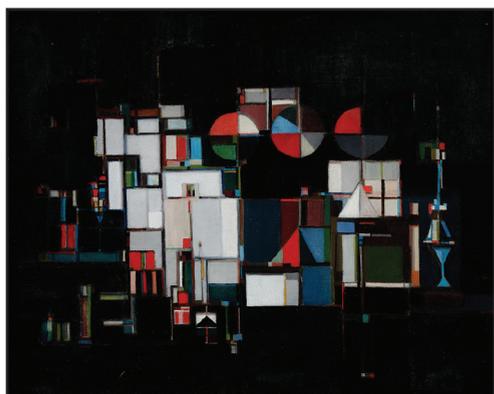
lacuna. A montagem inclui comentários críticos de Ferreira Gullar, Frederico Moraes, Mario Pedrosa, Paulo Herkenhoff e Paulo Venancio Filho.

Uma das salas no

Maria Leontina, sem título, 1956, óleo sobre tela, coleção família Dacosta.



Sem título, Maria Leontina, 1969, óleo sobre tela, coleção Denise e Gonçalo Ivo.



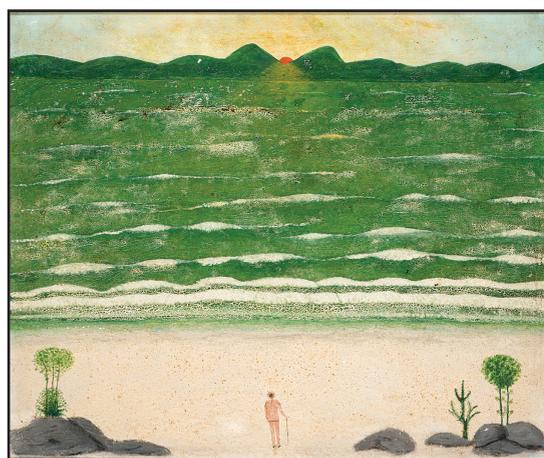
mesmo andar é dedicada à mostra *A Criação* do artista popular, que pela primeira vez exhibe a coleção de Lélia Coelho Frota (1938-2010). Poeta, ensaísta, museóloga, historiadora da arte e antropóloga carioca, Lélia foi responsável por trazer à luz trabalhos de artistas populares, genericamente referidos como artesãos do folclore popular, por meio da publicação de sua autoria: *Mitopoética de 9 Artistas Brasileiros* (Funarte, 1978).

Para o autor de teledramaturgia João Emanuel Carneiro, filho da colecionadora e curador da mostra, a mãe foi muito precursora ao legitimar esses artistas que eram invisibilizados. Ao longo dos anos, Lélia fez várias expedições ao interior do Brasil em busca da arte desenvolvida longe do academicismo, baseada no saber popular e autodidata. Foram selecionadas cerca de 40 peças desta coleção, iniciada na década de 1970, em que os gostos da colecionadora se refletem em muitas camadas. A espiritualidade, por exemplo, pode ser vista em algumas das 12 obras de Júlio Martins da Silva (1893-1978), seu pintor favorito de acordo com João Emanuel. Dentre os trabalhos de outros talentos revelados pela antropóloga, ganha destaque *Central do Brasil* de Manuel Faria Leal, que pintava espaços urbanos e faz uma interessante interpretação popular da vida do carioca no século XX, numa tela de grande dimensão.

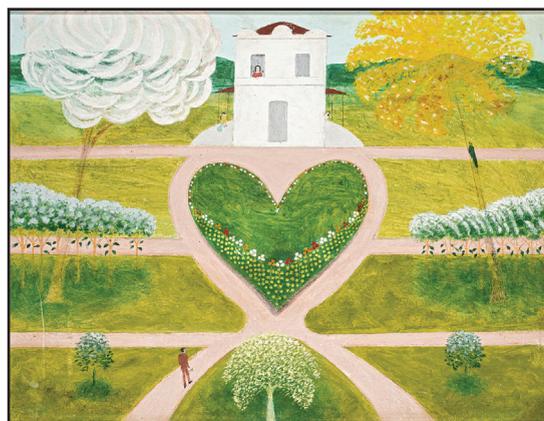
No térreo, o público encontrará a exposição *Coleção* no seu tempo, com 44 obras do acervo, de vertentes e períodos variados, escolhidas por Lauro Cavalcanti para a ocasião celebrativa. Há trabalhos de Anna Bella Geiger, Antonio Bandeira, Carlos Vergara, Frans Krajcberg, Iberê Camargo, Luiz Aquila, Mira Schendel, Rubem Valentim, Wanda Pimentel e Yolanda Mohalyi, entre outros nomes consagrados.

A seleção inclui também aquisições recentes e trabalhos que serão exibidos pela primeira vez, como *Cosmos jaune*, 1972, de Arthur Piza; *Paisagem*, de Manuel Messias, e uma serigrafia sem título, de 1977, de Emanuel Araújo. Em destaque, pinturas de grande formato, como as de Di Cavalcanti, Ingeborg ten Haeff, Jorge Guinle Filho, Manabu Mabe, Raul Mourão e Tomie Ohtake, além de obras atípicas de estrelas do modernismo brasileiro, como as de José Pancetti. Há, ainda, gravuras concebidas especialmente para mostras anteriores da Casa Roberto Marinho por Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Carlito Carvalhosa, Luiz Zerbini, Paulo Climachauska, Regina Silveira e Vania Mignone.

A exposição se encerra com uma cronologia que apresenta a sequência de ações do instituto, desde a sua fundação em 2018, com acesso a informações por meio de QR Code.



Júlio Martins da Silva, óleo sobre papelão, Praia (1973), coleção João Emanuel Carneiro.



Júlio Martins da Silva, óleo sobre papelão, Chegando em Casa (1974).

● JÁ ESTÁ NAS livrarias o terceiro livro de poesias da escritora e artista plástica Marlene Blois: *Reminiscências – Percepções sutis na vida têm elogios*, na contracapa, assinados pelos acadêmicos Arnaldo Niskier, Antonio Carlos Secchin e Carlos Nejar.

● NA COMEMORAÇÃO de seus 60 anos de fundação, a Associação dos Diplomados da ABL, presidida por Zélia Fernandes, prestou homenagem à saudosa acadêmica Nélida Piñon, com leitura de texto da professora Dalma Nascimento na interpretação de Mauro Nolasco.

● O ACADÊMICO santista Peilton Sena foi um dos premiados na categoria crônicas (com o elogiado texto *Gritos no semáforo*), no Concurso Contemporânea de Literatura 2023, da Academia Santista de Letras.

● A ESCRITORA Rose Pinheiro lançou, pela Editora Autografia, *Em Busca de seu Tom*, segundo volume da trilogia *Os tons de Lara*.

● O PRESIDENTE da Associação dos Cartunistas do Brasil, JAL, organizou uma homenagem à musa do rock Rita Lee, recém-falecida. Reuniu, no Blog oficial do Troféu HQMIX, uma mostra virtual, sem data para terminar, com o título RITA LEENDA! A ovelha negra entre as nuvens brancas, que já soma mais de 50 cartuns.

● UM DOS TEXTOS mais brilhantes de Machado de Assis, *Pai contra Mãe* ganhou edição ilustrada pela carioca Márcia Falcão, especialmente para a editora Cobogó, que conta com um ensaio crítico inédito do pesquisador José Fernando Peixoto de Azevedo.

● O CLÁSSICO *Rei Lear*, de William Shakespeare, ganhou nova edição da Editora 34, com acurada tradução e estudo crítico de Rodrigo Lacerda.

● A 9ª EDIÇÃO da Feira do Livro de Maputo, em Moçambique, entre os dias 27 e 29 de julho, será dedicada ao moçambicano Mia Couto.

● ENQUANTO HOVER LIMOEIROS, romance de estreia da canadense Zoulfa Katouh, foi considerado um dos melhores livros do ano pelo Washington Post e concorre ao British Book Awards de 2023. A obra acaba de chegar ao Brasil pela Ed. Verus.

● SÓCIA DO PEN Clube do Brasil, Denise Emmer, lançou *O Barulho do Fim do Mundo*, pela Editora Bertrand do Brasil.

● A RIA LIVRARIA (São Paulo) lançou um selo independente para publicar obras de jovens nomes da literatura nacional. A obra inaugural do selo (chamado de EditoRia) será *Muqueta*, de Jorge Ialanji Filholini.

● OS 20 TEXTOS premiados na primeira edição do Concurso Cultural de Contos – realizado em parceria com a Imprensa Oficial do Rio de Janeiro – serão publicados em livro, com edição física no formato de antologia. Os contos inéditos foram criados dentro da temática *Um Olhar sobre o Amanhã*.

● A EDITORA Maria Amélia Mello – vencedora do troféu Contribuição ao Mercado Editorial no Prêmio PublishNews 2023 – lançou *Editando a Editora 10* (Edusp/ComArte).

● NUM DOS LIVROS mais importantes do xamanismo moderno, *O Caminho do Xamã: Um guia de poder e cura* (Ed. Goya), o antropólogo Michael Harner – pioneiro da área do renascimento xamânico – explica, de maneira acessível e clara, os princípios da religião.

● DISPONÍVEL PARA download gratuito no site institutocoralvivo.org.br, *A Casa de Todos os Ninhos* (Ed. Coral Vivo), de Bia Hetzel

## METAMORFOSE: À FRENTE DO SEU TEMPO



e Roseana Murray, conta com lindas ilustrações de Mariana Massarani.

● A EDITORA COBOGÓ publicou o primeiro livro do pernambucano Pedro Vinício, – *Tirando Tudo Tá Tudo Bem* –, um sucesso nas redes sociais com desenhos e frases que misturam humor, cultura, sinceridade à flor da pele e muita criatividade.

● O COLETIVO MULHERIO das Letras Indígenas lançou o álbum *Guerreiras da ancestralidade* (Editora Amare), reunindo a biografia de 75 Indígenas, sendo 12 lideranças e 63 escritoras.

● OS SETE ENSAIOS REUNIDOS EM ANATOMIAS DA MEIA-PALAVRA (Ed. UFPR), obra organizada por Marcos Pashe e Henrique Duarte Neto, traçam um perfil consistente da produção literária do intelectual paulista José Paulo Paes.

● A ANTOLOGIA UNIVERSOS BREVES (uma parceria da Editora Cobogó com o Instituto Cervantes) reúne textos de expoentes contemporâneos do microcontos em língua espanhola, com tradução de Silvia Massimini Felix.

● A SEGUNDA MORTE (Companhia das Letras), novo livro de Roberto Taddei, conduz o leitor ao território da finitude e do poder masculino devastado.

● SAGA FEMINISTA DE CRIME E JUSTIÇA, MÃES DA MÁFIA (Ed. Melhoramentos), é assinada pelo consagrado jornalista Alex Perry (da revista *Time* e do jornal *The Guardian*).

● LANÇADO EM 1971, *Os Novos*, primeiro romance do premiado Luiz Vilela, ganhou edição renovada pela Ed. Record. A obra faz o retrato de um grupo de universitários em meio ao turbulento período da ditadura militar.

● ORIGINALMENTE publicada em 1987, *A Noite dos Palhaços Mudos*, com subtexto político criado por Laerte Coutinho, foi relançada pelo projeto HQ para Todos – iniciativa da Editora Conrad de produzir quadinhos a preços acessíveis.

● *NUNCA VI A CHUVA*, de Stefano Volp (que figurou no topo da Amazon por mais de 30 vezes), terá nova edição pela Galera Record.

● *INDÍGENAS DE FÉRIAS* (Dublinense), do norte-americano radicado no Canadá Thomas King, apresenta a violência física e simbólica cometida contra indígenas e refugiados.

● *EMOÇÕES FINANCEIRAS* (Ed. Gente), livro de Thiago Godoy, apresenta uma nova abordagem para a liberdade financeira.

# Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

## Conhecendo Fernando Pessoa

O poeta Fernando Antônio Nogueira Pessoa era português. Nasceu em Lisboa, em 1888. Seu pai teve ascendentes judeus.

Os primeiros estudos foram feitos em Durban, na África do Sul, pois, após a morte de seu pai, sua mãe se casou novamente, indo para o continente africano para acompanhar o marido.

Em 1903, Fernando Pessoa recebeu o Prêmio Rainha Vitória, destinado ao melhor ensaio de redação.

Fez o curso de Letras quando retornou a Lisboa. Viveu muito a multiplicidade literária por meio da criação de heterônimos (1911). Foi o grande escritor que influenciou as gerações posteriores, tanto em Portugal como no Brasil. Faleceu em 1935, vitimado por uma cirrose hepática, resultante do abuso do álcool.

## Relendo Fernando Pessoa

Padrão

O esforço é grande e o homem é pequeno:  
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei  
Este padrão ao pé do areal moreno  
E para diante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.  
Este padrão sinala aos ventos e aos céus  
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:  
O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano  
Ensinam estas Quinas, que aqui vês.  
Que o mar com fim será grego ou romano:  
O mar sem fim é português.

E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma  
E faz a febre em mim de navegar  
Só encontrará de Deus na eterna calma  
O porto sempre por achar.

## Você sabia?

**Heterônimo** – é outro nome, de pessoa imaginária, a quem um escritor atribui a autoria de certas obras suas, obras com características e tendências diferentes do próprio autor. Fernando Pessoa teve 17 heterônimos, sendo os principais: Alberto Caieiro, Álvaro Campos e Ricardo Reis.

## Sem previsão

Um repórter, cobrindo um evento no Ceará: “Os organizadores não preveram o excesso de pessoas.”

Imprevisível a fala do repórter. A forma verbal “preveram” está errada. A 3ª pessoa do plural do Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo prever (derivado do verbo ver) é **previram**.

Ele deveria ter dito: “Os organizadores não previram o excesso de pessoas.”



## Motorista imprudente

“Rubens deu marcha ré e atropelou o cachorro do vizinho.”

Que lástima! Espero que o cachorrinho esteja bem, apesar do erro do motorista. Veja: **A forma mais correta é marcha à ré**, com acento grave indicador de crase. Contudo, a expressão **marcha a ré**, sem acento indicador de crase, também está correta.

Embora frequentemente usadas, as formas marcha ré e marcha-ré não são catalogadas em dicionários. **Marcha à ré** e **marcha a ré** são expressões usadas para indicar uma marcha no sentido contrário ao sentido habitual, ou seja, uma marcha para trás em vez de uma marcha para a frente. Pode ser usada, também, apenas a palavra **ré**.

Frase correta: “Rubens deu **marcha a ré** e atropelou o cachorro do vizinho.”

## Cantando desafinado

“A moça gosta de cantar, mas não é uma boa soprana.”

Tenho certeza que “uma soprana” jamais cantará bem. A palavra **soprano** é comum de dois gêneros, sendo distinguido o masculino do feminino pelos artigos, pronomes ou adjetivos que a acompanham.

Em tempo, soprano – é o tipo de voz mais aguda.

Período correto: “A moça gosta de cantar, mas não é uma boa **soprano**.”



## Ave em extinção

“As ararinhas estão em extinção porque não vivem mais no seu habitat natural.”

Até as aves não aguentam tal pleonasma (redundância): “habitat natural.”

Em tempo: **habitat** – lugar específico com características ecológicas, habitado por um organismo ou população. Em alguns dicionários, esta palavra aparece acentuada (**hábitat**). O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras registra apenas a forma latina, sem acento (**habitat**).

Período correto: “As ararinhas estão em extinção porque não vivem mais no seu **habitat**.”

# Almanaque ecológico

Por Maria Cabral

A promoção da cultura oceânica é uma das metas da Unesco para a Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (Década do Oceano), que a Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou para os anos de 2021 a 2030.

Esse período corresponde à última fase da Agenda 2030 – um plano de ação estabelecido pela ONU em 2015 para erradicar a pobreza e proteger o planeta, que contém 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Alguns dos objetivos da iniciativa são tornar os oceanos limpos, saudáveis, resilientes e seguros, além de produtivos, de forma que possam ser explorados de forma sustentável. Para isso, a ciência oceânica deverá desempenhar um papel fundamental dentro desse contexto.

Atualmente, os oceanos têm recebido ameaças à sua sobrevivência com o aumento da poluição, pesca predatória e mudanças climáticas. A vida marinha está em perigo: mamíferos e corais correm o risco de desaparecerem do planeta. Diante desse fato, faz-se necessário a criação de estratégias para minimizá-la, como a educação ambiental, visando à formação de cidadãos preocupados com a natureza, partindo do princípio de que é

preciso conhecer para preservar. Entre as diversas ferramentas que podem ser utilizadas, existem os jogos educativos, destinados principalmente a crianças, para que cresçam atentas à preservação do meio ambiente. A melhor maneira de educar é através de uma experiência atrativa e prazerosa, ou seja, com base nos conceitos de *edutainment*, que combina educação com entretenimento.

Essa é a proposta do livro *Almanaque Ecológico da Mari*, editado pela Podeditora, que usa o recurso lúdico dos cartoons para despertar a consciência ambiental do público infantil.

Mari é uma sereia ecológica que busca sensibilizar as crianças e jovens para que adotem atitudes corretas em relação às questões do meio ambiente, como a preservação dos mares e oceanos. Com o objetivo de dar suporte aos professores que buscam conteúdo e atividades de apoio à educação ambiental, a iniciativa da criação do almanaque foi desenvolvida pelo cartunista Léo Valença, criador do duende Lucas, que já atua desde 2010 na produção de livros ecológicos para o público infantil. Assim como Lucas, a sereia Mari ensina as crianças a cuidar do meio ambiente, de modo leve e divertido. Por meio de ilustrações e passatempos, a personagem visa disseminar a importância da proteção da biodiversidade marinha do nosso planeta para o público infantil.

O livro *Almanaque Ecológico da Mari* além de ensinar ecologia às crianças, também difunde a sustentabilidade na hora da compra do livro. Ele só é impresso depois da venda, ou seja, você encomenda seu livro pelo site da editora e, só depois, ele é impresso. Com isso, nada de estoques parados nem desperdício de papel. A impressão sob demanda usa os recursos naturais de forma racional e inteligente. É a economia aliada à praticidade e à consciência ecológica.

# Colaboradora do *Jornal de Letras* recebe a Medalha da Inconfidência

Depois de três anos suspensa em função da pandemia, a tradicional solenidade de entrega da Medalha da Inconfidência, no feriado de Tiradentes, em Ouro Preto (MG), voltou ao seu formato tradicional. Com a presença de autoridades, artistas, políticos e intelectuais de todo o país, o governo de Minas Gerais caprichou na realização da 71ª cerimônia de premiação.

O ex-presidente Michel Temer (MDB), o senador Sergio Moro (União Brasil), o deputado federal Luciano Bivar (União Brasil), Fabio de Sousa Coutinho, (presidente da Associação Nacional de Escritores), José Carlos Serufo (presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais), Bernardo Teles de Carvalho (diretor-geral do Grupo Band Minas), Gustavo Werneck da Cunha (diretor presidente e CEO da Gerdau), assim como nossa colaboradora Manoela Ferrari (da Academia Espírito-santense de Letras), estão entre os homenageados de 2023.

A Medalha da Inconfidência é concedida, anualmente, no dia da morte de Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes. A data marca a Inconfidência Mineira, movimento considerado um marco na luta pela independência do Brasil, lembrado como um símbolo de resistência à opressão colonial e de luta por liberdade e autonomia política que teve como epicentro a cidade de Ouro Preto, no século XVIII. Todos os anos, a capital de Minas Gerais é, simbolicamente, transferida para aquele município, durante a celebração.

Criada em 1952 pelo então governador Juscelino Kubitschek, a condecoração é a maior comenda do Estado. Os ideais de democracia, liberdade e civilidade são enaltecidos. A distinção homenageia pessoas que se distinguem “pela notoriedade de seu saber, cultura e relevantes serviços à coletividade, contribuindo para a projeção e valorização de Minas Gerais”.

O Conselho Permanente da Medalha, conduzido pelo presidente da Assembleia Legislativa de MG, deputado Tadeu Martins Leite (MDB), é formado por dirigentes de órgãos dos três Poderes estaduais, de universidade e outras instituições culturais, entre elas, a Academia Mineira de Letras, presidida por Rogério Faria Tavares. O Grande Colar condecora, exclusivamente, chefes de estado, de governo e dos demais poderes da União. As outras categorias são: Grande Medalha, Medalha de Honra e Medalha da Inconfidência.

Para o governador Romeu Zema, potencial candidato à presidência da República, em 2026, lembrar o sacrifício de Tiradentes é reafirmar o compromisso dos mineiros de serem sempre os primeiros a lutarem contra retrocessos em relação a direitos conquistados e na defesa do desenvolvimento do Brasil.

O evento comemorativo, dividido em duas partes, teve início com a tradicional cerimônia de tiros, seguida pelo hasteamento da bandeira e a colocação de flores no monumento de Tiradentes, na praça de mesmo nome. Em seguida, foi feita a homenagem aos agraciados, no Centro de Artes e Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

O ex-presidente Michel Temer falou sobre a honraria: “Essa solenidade é tão preciosa e significativa porque ultrapassa Ouro Preto e Minas Gerais para atingir todo o país. Honra-me, particularmente, recebê-la aqui, berço de boa parte da história do Brasil, onde já no século 18 florescia o sentimento de independência e autonomia”, recordou o ex-presidente Michel Temer durante a solenidade, atribuindo ao movimento um legado que se mantém atual.

Na ocasião, o prefeito de Ouro Preto, acadêmico Ângelo Oswaldo (PV), fez um discurso contundente, com menção à importância da figura histórica de Tiradentes e sua luta pela liberdade e democracia, comparando-o a Cristo na Páscoa: “Se a Páscoa é ressurreição de Cristo, o 21 de abril assinala, especialmente neste ano de 2023, o renascimento do Tiradentes na nossa crença republicana. O Brasil mudou, felizmente. Tiradentes não será o



A escritora Manoela Ferrari recebe a Medalha da Inconfidência das mãos do prefeito de Ouro Preto, acadêmico Ângelo Oswaldo.



O Diploma da Medalha da Inconfidência, entregue todos os anos no dia 21 de abril, em Ouro Preto, conferido à jornalista e escritora Manoela Ferrari, do **JORNAL DE LETRAS**.



A cidade de Ouro Preto recebeu, este ano, uma programação inédita para celebrar a Semana da Inconfidência Mineira.



O prefeito de Ouro Preto Ângelo Oswaldo, o presidente da ALMG, deputado Tadeu Martins Leite, o governador Romeu Zema e o ex-presidente Michel Temer, na cerimônia de entrega da Medalha da Inconfidência, em Ouro Preto.

líder descaracterizado pelo cinismo com que os antidemocratas costumam tratá-lo, mas, sim, o homem de coragem, íntegro e ativo, que sai do meio do povo para mudar o curso da história. As brasileiras e os brasileiros hoje o reverenciam como o pioneiro da liberdade e da democracia, porque com ele podemos saudar a democracia e a liberdade na vida pública do nosso país.”

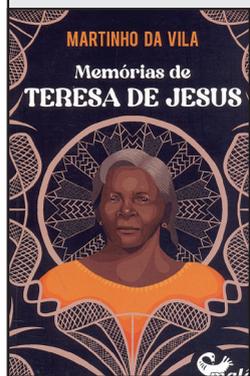
Após destacar as tragédias provocadas pelas empresas mineradoras na região dos Inconfidentes, criticar o liberalismo econômico e cobrar ações do governador Romeu Zema para garantir a compensação às comunidades afetadas na tragédia, Ângelo Oswaldo finalizou sua fala, agradecendo o apoio à Universidade Federal de Ouro Preto e a recriação do Ministério da Cultura e das políticas públicas para o campo cultural, conduzidas, atualmente, pelo governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva.

Uma novidade, nesse ano, foi a criação da “Semana da Inconfidência”, com o slogan “A Liberdade Mora em Minas”. A secretaria de Estado de Cultura e Turismo (Secult), em parceria com as prefeituras de Ouro Preto e de Tiradentes, marcou o período, que passará a ter todos os anos, com uma programação cultural intensa nas duas cidades, incluindo mais de 100 atividades, além dos atos cívicos e agendas oficiais, com ações para o desenvolvimento da cultura, do turismo e da economia criativa.

# J Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



## MEMÓRIAS DE TERESA DE JESUS

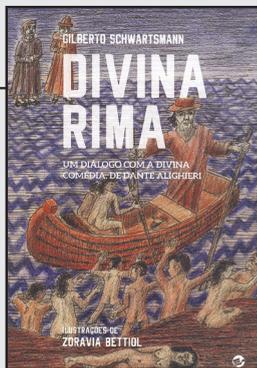
Vinte e um anos depois de lançar *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus*, Martinho da Vila reescreveu e atualizou a obra, resultando em *Memórias de Teresa de Jesus*, que saiu pela Editora Malê. O clássico *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, inspirou Martinho. As *Memórias de Teresa de Jesus* são histórias reais da família Ferreira, contadas pela saudosa mãe do artista. A biografia familiar, narrada na voz da personagem, mas escrita pelo autor, se baseia em memórias subjetivas, o que lhe imprime um caráter coletivo. Através dela, é possível contar o Brasil por meio das histórias das famílias negras. Na contracapa, Vagner Amaro, editor da

Malê, faz um convite aos leitores: “*Memórias de Teresa de Jesus* se abre como um jogo literário interessante. Aprender com o passado e melhorar o futuro, a ancestralidade reside nos três tempos, passado, presente e futuro. Que as *Memórias de Teresa de Jesus* sirvam de estímulo para que outras famílias se contem. O convite está feito, uma vez que o prazer de leitura deste livro é garantia certa.” Membro da Academia Carioca de Letras, entre outras instituições, Martinho da Vila, aos 85 anos, é autor de livros em vários gêneros.

## DIVINA RIMA

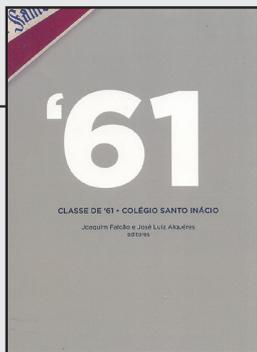
*Divina Rima: Um diálogo com a Divina Comédia, de Dante Alighieri* (Ed. Sulina, 2021), de Gilberto Schwartzmann, com belíssimas ilustrações de Zoravia Bettiol, o autor faz uso da terza rima, como Dante, na esperança de motivar o leitor a mergulhar no texto original. A obra de Dante, como explica Schwartzmann, é uma construção alegórica, didática, moral, teológica e, ao mesmo tempo, poética. As páginas desse livro procuram explicar algumas de suas referências e metáforas. No prefácio, o acadêmico Antonio Carlos Secchin faz um convite à leitura: “*Divina rima* é uma declaração de amor àquilo que de divino o humano contém: a capacidade de ir além de si, transcender-se pelo caminho da arte.” Um dos principais oncologistas do país, Gilberto Schwartzmann, diretor da Biblioteca Pública Estadual de Porto Alegre, é professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro da Academia Nacional de Medicina, notável colecionador literário, é autor, entre outras publicações, do livro *A Amante de Proust, Frederico e Outras Histórias de Afeto e Meus Olhos*.

Zoravia Bettiol é artista plástica, designer e arte-educadora. Participou de exposições individuais e coletivas, em bienais, trienais e mostras internacionais (1955 a 2021). Suas obras estão em acervos dos principais museus e centros culturais do mundo.



## CLASSE DE '61 – COLÉGIO SANTO INÁCIO

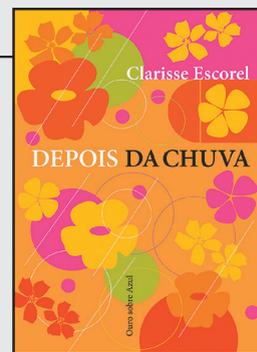
Os textos reunidos por Joaquim Falcão e José Luiz Alquéres na publicação *'61 – Classe de '61 – Colégio Santo Inácio* apresentam não apenas uma coletânea de recordações individuais, mas resultam num importante registro de um momento da vida do tradicional Colégio, que marcou época na cidade do Rio de Janeiro. Na apresentação, os organizadores da obra, publicada em outubro de 2011, comemoram os 50 anos de formados, valorizando a alegria de estarem juntos, novamente, nos relatos: “Os depoimentos, artigos, confissões e desabaços que estão neste livro se constituem, no seu conjunto, naquilo que Aloisio Magalhães – inspirador de muitos de nós – valorizava como uma das mais nobres manifestações culturais de uma sociedade: o zelo pela sua memória, pelos seus saberes, e nós acrescentamos, também, o resgate de sentimentos e de emoções, algumas profundamente guardadas.” Ilustrado com fotos da turma, documentos, medalhas, carteirinhas e outras imagens do Colégio, o livro reúne textos, além dos organizadores Joaquim Falcão e José Luiz Alquéres, dos ex-alunos José Antonio Nonato, Reynaldo Mora, José Barbosa Mello, Guilherme de Noronha Dale, Sérgio Perazzo, Paulo Malta Lins e Silva, Luiz Paulo Horta e Paulo Sérgio Pinheiro. Todos aprenderam, entre outras lições, “o significado do que é ser amigo, ter amigo, valorizar a amizade.”



## DEPOIS DA CHUVA

*Depois da Chuva* (Ed. Ouro sobre Azul, 2023) marca a estreia de Clárisse Escorel nas letras, reunindo uma série de crônicas originais, de agradável leitura. As boas-vindas a essa acuidada publicação têm assinatura da acadêmica Ana Maria Machado, que afirma, na orelha da obra: “Clárisse Escorel nos chega com pleno domínio de seu ofício. Credenciada por um bom texto, limpo, sensível e na medida justa. E munida de olhar atento, faro fino e bom ouvido. Esses elementos lhe garantem a capacidade de bem observar a realidade a seu redor e captar com acuidade sua própria reação a esses estímulos, num saudável equilíbrio entre as claves objetiva e subjetiva – a corda bamba onde se equilibram os melhores cultores do gênero.”

Nascida no Rio de Janeiro, neta do sociólogo, crítico literário e professor universitário Antonio Candido (1918-2017), Clárisse é formada em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em direito internacional pela Universidade de São Paulo (USP). Desde 2019 se dedica à literatura, tendo como mestres o Prof. Luiz Antonio de Assis Brasil e Fabrício Cursaletti. Publicou seu primeiro conto, “Boleia”, em abril de 2022 pelo selo Pé de Amora. *Depois da Chuva* é seu primeiro livro.



## A NOITE EM QUE DEI AUTÓGRAFO A BELCHIOR

*A Noite em que Dei Autógrafo a Belchior* (Vitalia, 2023) é a vigésima publicação de Edmilson Caminha. A obra reúne 30 textos escritos com a já famosa excelência literária do autor. O cronista lembra o encontro com o compositor e cantor que dá nome ao título, à mesa de um restaurante, em Fortaleza; acompanha Érico Veríssimo na saga de *O Tempo e o Vento*, anda a cavalo com Guimarães Rosa pelas veredas do grande sertão; mergulha nos diários de Francisco Brennand, além de escrever sobre Dom Pedro II, Santos Dummont, Oscar Niemeyer e Saint-Exupéry, entre outros.

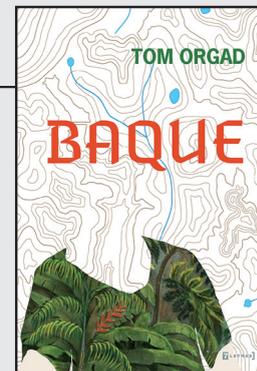
Professor, jornalista e escritor, Edmilson Caminha nasceu em Fortaleza, Ceará. Há mais de 30 anos radicado em Brasília, é membro da Academia Brasileira de Letras, PEN Clube do Brasil e do Observatório da Língua Portuguesa, em Lisboa. Entre as obras publicadas, *Villaça, Um Noviço na Solidão do Mosteiro* (1998); *Drummond, a Lição do Poeta* (2002); *Rachel de Queiroz, a Senhora do Não Me Deixes* (2010); *Em Memória de Drummond* (2012); *A Solidão no Programa do Jô* (2019) e *O Romancista que Não Matou Brizola* (2022). Na opinião do crítico literário Manoel Hygino dos Santos, “Edmilson Caminha é um dos mais conceituados e aplaudidos articulistas do Brasil”.



## BAQUE

*Baque* (Ed. 7 Letras, 2023), livro de estreia de Tom Orgad, reúne uma coletânea de textos do jornalista israelense radicado no Brasil. Os escritos vieram como resultado do espanto com algo totalmente diferente de sua realidade de origem. *O Baque* – uma série deles, na verdade – se deu, literalmente, a partir da mudança para o Brasil. O autor dedicava-se ao estudo de cultos xamânicos para seu doutorado, quando decidiu sair em campo. Sua primeira parada no país foi no Acre, onde se apaixonou pelos ritmos brasileiros. Nascido numa família de músicos, sendo ele próprio violonista, encantou-se pelo violão de sete cordas. Do Norte do país, rumou para o Rio de Janeiro, berço do gênero, onde se aprofundou nos estudos da música, passando a conciliar os trabalhos no jornalismo com o de músico. A série de contos mistura ficção e realidade, invenção e memória, em narrativa fluida e bem-humorada.

Tom Orgad (1981) é jornalista, escritor e violonista radicado no Brasil desde 2015. Trabalha como correspondente da Kan, rádio estatal israelense na América Latina. É integrante do conjunto de samba Casa de Marimbo e, como músico, já dividiu o palco com grandes nomes do gênero, como Nelson Sargento (1924-2021), Tia Surica, Teresa Cristina, Moacyr Luz, entre outros.



# Afonso Duarte: a ambição de ser europeu

Por António Valdemar\*

*O poeta que exaltou a gênese cósmica da natureza, a celebração panteísta da vida, a reposição da democracia, a ambição de ser europeu e a supremacia dos grandes valores universais.*

A poesia afirma-se na palavra que desperta outra palavra, mais outra e outras mais enquanto se manifesta o ímpeto do diálogo interior. Fixa o que surpreende o poeta a cada momento: as pulsões da terra na sua diversidade, o voo e o canto dos pássaros, a exuberância das árvores e das flores; o curso dos rios, a inquietação do mar e a interrogação dos astros. Recorre também à memória da infância e da adolescência, à vulnerabilidade da condição humana, ao encontro com o mundo e ao seu permanente desconcerto. É a vida inteira em tudo o que é deslumbramento e em tudo o que é o seu contrário.

Um dos grandes poetas portugueses da primeira metade do século XX, Afonso Duarte (1884-1958) nasceu na Ereira, uma das ramificações do concelho de Montemor-o-Velho, próximo da Figueira da Foz. Integra-se no Baixo Mondego, onde nasceram escritores, poetas, artistas, mestres universitários e outras personalidades de evidência cultural, política e social. Basta citar: Fernão Mendes Pinto e Jorge de Montemor; Manuel Fernandes Tomaz, líder da revolução liberal; o filósofo Joaquim de Carvalho; os poetas Afonso Duarte, João de Barros e Santiago Prezado; os pintores Manuel Jardim, Cândido da Costa Pinto e Eduardo Nery, o crítico literário João Gaspar Simões, os cineastas João César Monteiro e José Mário Grilo.

O itinerário de Afonso Duarte pode, assim, resumir-se: fez o ensino primário na Ereira e Alfarelos e o ensino secundário e universitário em Coimbra. Licenciado em Ciências Físico-Naturais, lecionou em Vila Real de Trás os Montes, em Lisboa e, sobretudo, em Coimbra. Todas estas cidades deixaram-lhe reminiscências inapagáveis. Todavia, uma das marcas mais profundas ocorreu na altura em que foi incorporado no serviço militar, durante a participação de Portugal na primeira Guerra Mundial: ficou paraplégico e, até à morte, com a mobilidade extremamente reduzida.

A revelação literária de Afonso Duarte, num órgão de projeção nacional, verifica-se em 1912, na revista *Águia*, dirigida, no Porto, por Teixeira de Pascoas. Também em 1912 funda, em Coimbra, a revista *Rajada* que reúne poetas, ensaístas e artistas plásticos que viriam a salientar-se na cultura e na política: Alberto Veiga Simões, crítico, historiador, diplomata de carreira e ministro dos Negócios Estrangeiros; Nuno Simões advogado, ministro de várias pastas na primeira República, que nunca deixou de escrever nos jornais, ocupando-se da aproximação cultural luso-brasileira. Almada Negreiros, que procurava, então, concluir o Liceu em Coimbra, apresenta na *Rajada* alguns dos seus primeiros desenhos.

Apoiado por João de Barros – ainda em 1912 – Afonso Duarte tem editado em Lisboa o primeiro livro, *Cancioneiro das Pedras*. Coloca-nos perante a relação possessiva com a terra, o rio, o mar: “canto o amor de meus campos e baldios/ meu casal que é uma ilha aos quatro ventos.” A Ereira com os rigores de inverno fica, por completo, transformada: “As cheias vindas às casas! / tudo afoga em dilúvio, ervilhal e giesta, / do próprio lar as brasas! / o vento assopra ao desamparo, o vento grita, / como um louco varrido! / A Aldeia é um gemido. (...) “Asa do vento, como vens distante? E o vento avança, o vento diz: mais longe!”. A exaltação entre o real e o imaginário, feita de árvores, de pedras e de rios, vai prosseguir noutros livros revistos e selecionados, em 1929, num único volume: *Os 7 Poemas Líricos*. Predominam os três reinos da natureza. Tema que vai perdurar na criação poética e nas investigações etnográficas sobre os usos, os costumes e as tradições locais: *Um Esquema do Cancioneiro Popular Português* e *O Ciclo do Natal na Literatura Oral Portuguesa*.

Dividiu-se entre Coimbra e a Ereira. Regressava sempre à Ereira, mesmo quando residia em Coimbra. Colaborador permanente da Seara Nova, Afonso Duarte identifica-se com a doutrinação e a crítica, desenvolvida a partir de 1921, por aquele grupo e cuja revista – na síntese de Raul Proença – incentiva a formação de “uma opinião pública nacional que exija e apoie as reformas necessárias”. Para garantir “os

interesses supremos da nação, opondo-se ao espírito de rapina das oligarquias dominantes e ao egoísmo dos grupos, classes e partidos”. Reclamava a urgência de “contribuir acima das Pátrias, a união de todas as Pátrias, uma consciência internacional bastante forte para não permitir novas lutas fratricidas”.

A luta pela reposição das liberdades constitucionais, a defesa da República, a rejeição da ditadura determinou, em 1932, o afastamento inexorável de Afonso Duarte da função pública. Tem mais tempo para frequentar as tertúlias, nos cafés de Coimbra, pontos de encontro de conspiração e debate das várias tendências da oposição sujeitas às perseguições da PIDE e à condenação ao ostracismo.

Afonso Duarte estabeleceu a ponte entre a sua geração e as gerações seguintes. Sem romper com Teixeira de Pascoas, que enaltece em todas as homenagens – “Saúdo-te nos Ares, não na desventura/ da Terra onde apodrecem as raízes:/ Pois as estrelas sabem o que dizes, / os Deuses te mantêm na sua Altura” – passou a ser reconhecido como um dos mestres da geração da Presença (Régio, Torga, Nemésio, Branquinho da Fonseca, Adolfo Casais Monteiro). Também será, anos depois, um dos mestres da geração do Novo Cancioneiro, os neorealistas (Carlos de Oliveira, Cochofel, Joaquim Namorado) que, na revista *Vértice*, se destacaram no protesto social e político, ligados ao marxismo e, muitos deles, ao Partido Comunista, ora como militantes, ora como *compagnons de route*.

Tem Afonso Duarte uma produção literária contínua. A publicação, em 1947, do livro de poemas *Ossadas* acentua o renome literário. E dá-nos a conhecer as relações literárias com poetas e intelectuais do Brasil. Basta indicar Cecília Meireles. Optou, a partir das *Ossadas* por uma linguagem despojada e concisa: “Poemas breves/ como o instante da flor/ que nasceu para morrer.” E os exemplos são numerosos: “uma só rosa vale o roseiral. / Porque me escreves longo o teu poema? / O inspirado instante sem igual/ acaso não será hora suprema?”

A geração do Orpheu, em especial a obra ortónima e heterónima de Fernando Pessoa, assumem, nos anos 1940 e 1950, projeção nacional e internacional. Permanecia, contudo, entre nós, a resistência acerca da autenticidade dos símbolos e dos mitos que fundamentam a *Mensagem*; aos rasgos torrenciais de Álvaro de Campos na Ode Marítima e na Ode Triunfal; e, por exemplo, ao poema *Tabacaria* (publicado em 1933, na *Presença*). Introduziu numa expressão original do registo do tempo, do sentimento de incerteza, da sensação de vazio, da solidão e incompreensão em face de tudo que rodeava e envolvia o próprio Fernando Pessoa.

Numa alusão a estas ruturas que vão consolidar a modernidade portuguesa, Afonso Duarte rejeita “o estilo enovelado dos poetas fáceis”. Não se afasta do modelo literário que exaltava a Ereira e Coimbra: “É na poesia lírica dos rios, / – no sarcasmo das rugas da montanha – no que me enche de mar, seu sonho e desvario – que o meu retrato vivo se desenha.” A interpelação política, com exigências morais e cívicas, surge nas *Ossadas* e nos outros livros que publica: “Honra. Brio. Dignidade: Onde estais? Quem vos Preza?” Enfrentava a política e políticos que governavam o país: “Lembram-me bichos, carochas, centopeias, / Musgo, paredes húmidas, bolores, / ao pensar na pobreza! Ideias. E causam-me suores.”

O poeta foi tudo isto e, ao mesmo tempo, mantinha a ambição de ser europeu. O ano de 1949 não apagará os horrores da Segunda Guerra Mundial e, no plano interno, sucediam-se as polémicas em torno do movimento criado devido à candidatura presidencial de Norton de Matos. A oposição encontrava-se retalhada. A PIDE multiplica as prisões em todo o país.

É neste ano que Afonso Duarte escreveu um dos seus mais conhecidos sonetos: *Terra Natal*. Muito mais do que um soneto, é uma proclamação: “E cá mesmo no extremo Ocidental/ duma Europa em farrapos, eu/quero ser Europeu: quero ser Europeu/ num canto qualquer de Portugal.” Reportando-se, à situação do país e à sua própria situação como português e poeta, orgulhoso das suas origens, acrescenta: “Um presídio será, mas é meu berço! / nem noutra língua escreveria um verso/ que me soubesse ao sal desta harmonia..”

Afonso Duarte tem publicadas as suas Obras Completas, mas falta a organização de uma antologia dos poemas mais significativos, para termos acesso direto à amplitude do poeta que manteve uma cidadania participativa, procedeu à celebração panteísta da vida, à força cósmica da natureza e convocava a permanência efetiva no cotidiano dos grandes valores universais.

\*António Valdemar é jornalista, investigador socio-efetivo da Academia das Ciências de Lisboa e socio-correspondente da Academia Brasileira de Letras – cadeira número 4

# 3 anos de atraso, Chico Buarque recebe Prêmio Camões



O cantor, compositor e escritor Chico Buarque de Hollanda recebeu, no dia 24 de abril, com três anos de atraso, o Prêmio Camões, a mais prestigiosa distinção na área da literatura em língua portuguesa, que lhe foi conferido em 2019. A entrega aconteceu no Palácio Nacional de Queluz, em Sintra, Portugal, em cerimônia da qual participaram, entre outras autoridades, os presidentes do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa.

Em seu discurso, o autor de *Essa gente, Leite derramado* e *Anos de chumbo*, entre outros, lembrou-se do pai, o sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, mencionou suas raízes, brincando com a letra da própria canção (“meu pai era paulista, meu avô, pernambucano, o meu bisavô, mineiro, meu tataravô, baiano”)

–, citou colegas, amigos e parceiros (Vinicius de Moraes,

Chico Buarque, ao centro, com o presidente Lula, ministra Margareth Menezes e o presidente de Portugal, Marcelo Rebelo.

humilhados e ofendidos nesses últimos anos de estupidez e obscurantismo. É bom saber que tenho a porta aberta em Portugal.”

A cerimônia também teve a presença do primeiro-ministro luso, António Costa, dos ministros da Cultura do Brasil (Margareth Menezes) e de Portugal (Pedro Adão e Silva), do presidente do júri, o escritor português Manuel

Frias Martins, do escritor moçambicano Mia Couto, além de outras autoridades, artistas e intelectuais.

O presidente português destacou o lirismo e a poesia da obra de Chico e disse que o cantor brasileiro divulgou e elevou a língua portuguesa tanto quanto a obra de Camões. Ele encerrou o discurso com uma paródia da música “Meu caro amigo”, gravada pelo cantor em 1976: “Meu caro amigo, me perdoe, por favor, por toda esta demora”, desculpando-se pelo atraso na entrega do prêmio.

## A cantora francesa

Por Gabriel Chalita\*

Ela fazia aniversário no primeiro dia do outono. Como esquecer? Ela não gostava de falar sobre a idade, a não ser quando estávamos apenas nós. Então, ela lamentava os anos que nos separavam. Eu dizia não me importar. E a acariciava com tanta decisão que ela virava a conversa para outro assunto.

Eu era estudante universitário, e ela uma atriz, uma atriz que cantava músicas francesas. Que cantava e que traduzia partes da canção para explicar suas escolhas.

Fui o escolhido em um dia em que a boate fervilhava alegria. Ela passava pelas mesas e brincava de seduzir. Fui seduzido. Teimei em esperar sua saída. Sem maquiagens, ela era ainda mais linda. Fomos caminhando calçada escura. Ela dizia sobre os signos, não me esqueço. Que os nossos combinavam. E ria. Ria, porque depois explicava que gostava de inventar explicações para a felicidade.

Nos amamos já na primeira noite. Ela quis saber minha idade. Eu tinha 21. Ela fez um silêncio e depois sussurrou sobre aproveitar o hoje. O hoje se fez vários dias, vários meses. Nos amamos por quase 7 anos.

Algumas manhãs, eu acordava ao seu lado e ela passava silenciosamente as mãos pelo meu corpo. E falava da minha juventude. Vez ou outra, eu a desmentia em seus assuntos sobre a impossibilidade de uma história com idades tão distantes. Eu enfeitava meus argumentos com exemplos de tantos homens casados com mulheres muito mais jovens. Por que o contrário não seria aceitável? Ela ouvia, parecendo agradecida à minha teimosia.

Minha mãe tinha alguma implicância com nossa relação. Mas pouco dizia. Eu, filho único de mãe viúva. Um dia, ela disse apenas que Mayara, certamente, não tinha idade para ser mãe. E prosseguiu falando que éramos uma família muito pequena. As duas fingiam afetos. Mayara era o nome da cantora francesa. Não. Ela não era francesa. Ela cantava, em francês, o amor. E traduzia em mim o seu romantismo.

Um dia, eu estava conversando com uma mulher da minha idade. Nunca foi importante para mim essa história de idade. Era apenas uma conversa em um café com mesas na calçada. Mayara nos viu sorrindo. Apenas isso. Ela nos cumprimentou. Eu puxei uma cadeira para que ela se sentasse. Nos beijamos. E ela, nos poucos instantes em que ficou conosco, apenas disse que era lindo ver dois jovens tão felizes conversando. E saiu. E saiu da minha vida sem grandes explicações.

Quando fui à sua casa, vi uma mala arrumada. Ela falou de uma turnê. Eu não entendi. Ela deu um abraço longo. Chorou ao tocar no meu rosto e anunciou o fim. Eu implorei um desmentido. Ela disse que entendia da vida e que era grata pelas manhãs acordadas ao meu lado.

Faz tanto tempo. O tempo demorou a curar meu vazio. Eu fiz de tudo para voltar. Cantava em mim as músicas francesas de amor. Abraçava a ausência, jurando nunca mais amar. Não cumpri a promessa. Encontrei uma outra história. Casei. Tive quatro filhos. A mais velha se chama Mayara. Minha mulher nunca perguntou a razão da escolha do nome. Sou feliz com o que construí. Mas, ainda hoje, quando ouço uma canção francesa ou quando o outono chega ou quando um luar ilumina mais forte a noite ou quando um pôr do sol está mais avermelhado, penso em Mayara. Não na filha, mas na mulher que, misteriosamente, me ensinou a amar e, paradoxalmente, me apresentou a dor do amor.

O tempo faz com que as histórias de ontem ganhem algumas desculpas para serem perfeitas. Há uma parte dessa mulher, em mim, inventada, eu sei. Passei noites imaginando o seu desfecho. Se ela havia encontrado alguém. Se a esse alguém os ditos eram parecidos com os que eu ouvia. Se também passeava com os dedos pelo corpo ao despertar.

Não digo que não amo minha mulher e não seja com ela feliz. Nada digo a ela dos meus inícios. Sou cuidadoso com as dores que se pode causar no outro, inclusive em matéria de amor.

Hoje, acordei cantarolando “La vie en rose”. Não posso reclamar das cores da minha vida. Nem do que tenho hoje, nem do que tenho guardado na memória secreta dos meus mais lindos sentimentos. Saudade é palavra que não me atormenta. Saudade é poema de gratidão e de esperança. O amanhã virá com todos os ontens que prosseguem em mim.

\*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

# Heloísa Buarque de Hollanda imortal

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Fotos: Michael Félix

Pela primeira vez na história da Academia Brasileira de Letras, o processo de votação foi feito com uma urna eletrônica do TRE. Isso aconteceu na eleição de Heloísa Buarque de Hollanda, professora emérita da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que irá ocupar a cadeira 30, na vaga que ficou aberta em dezembro do ano passado com a morte da saudosa acadêmica Nélida Piñon, primeira mulher a presidir a ABL.

Em entrevista, a nova imortal declarou: “A eleição para a ABL representa o último trabalho numa instituição poderosa, de muito respeito e prestígio. Minha vida sempre foi institucional, da UFRJ. Sou apaixonada por grandes instituições. E essa é de muito peso. A Academia está nesse movimento de abertura, e essa é uma das razões pelas quais me candidatei. Vou trabalhar muito, é um compromisso: fazer tudo que puder.”

A escritora e crítica cultural, de 83 anos, é considerada uma das principais vozes do feminismo brasileiro e a maior intelectual pública do

país. Tem formação em Letras Clássicas pela Puc-Rio, mestrado e doutorado em Literatura Brasileira na UFRJ e pós-doutorado em Sociologia da Cultura na Universidade de Columbia, em Nova York.

Além disso, é diretora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ, onde coordena o Laboratório de Tecnologias Sociais, do projeto Universidade das Quebradas, e o Fórum M, espaço aberto para o debate sobre a questão da mulher na universidade. Seu campo de pesquisa privilegia a relação entre cultura e desenvolvimento, área em que se tornou referência, dedicando-se às áreas de poesia, relações de gênero e étnicas, culturas marginalizadas e cultural digital. Nos últimos anos, vem trabalhando com o foco na cultura produzida nas periferias das grandes cidades, o feminismo, bem como no impacto das novas tecnologias digitais e da internet na produção e no consumo culturais.

Heloísa é também diretora da Aeroplano Editora e Consultoria, da Editora UFRJ e do Museu da Imagem e do Som (MIS-RJ). Dirigiu o Programa Culturama, na TVE, Café com letra, na Rádio MEC e alguns documentários cinematográficos, entre eles, Dr. Alceu e Joaquim Cardozo. Foi curadora de várias exposições, entre elas Dez anos sem Chico Mendes (Sesc Rio, 1998), Estética da Periferia (Centro Cultural dos Correios, RJ, jul/2005), H20, o futuro das águas (Sesc Rio, jan/2009), Vento Forte: 50 Anos de Teatro Oficina (Centro Cultural dos Correios RJ, jan/2009) e O Jardim da oposição (Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio, jun/2009).

A nova acadêmica tem vários artigos publicados nas áreas de arte, literatura, feminismo, cultura digital, cultura da periferia e políticas culturais. Entre os livros, destaca-se a histórica coletânea *26 Poetas Hoje*, de 1976, revelando uma geração de poetas “marginais” que entrou para a história da literatura brasileira, como Ana Cristina Cesar, Cacaso e Chacal. Essa antologia é considerada um divisor de águas entre poesia canônica e poesia contemporâ-

nea e performática. Segundo a autora, o livro causou furor na época.

Outros livros publicados por Heloísa são *Macunaíma, da Literatura ao Cinema; Cultura e Participação nos Anos 60; Pós-Modernismo e Política; O Feminismo como Crítica da Cultura; Guia Poético do Rio de Janeiro; Asdrúbal Trouxe o Trombone: Memórias de uma Trupe Solitária de Comediantes que Abalou os anos 70; Escolhas, uma Autobiografia Intelectual; e Feminista, Eu?*

Nascida em Ribeirão Preto (SP), em 1939, a nova imortal passa a ser a 9ª mulher eleita para a ABL, com 34 votos, de 37. Superou os escritores Oscar Araripe, Denilson Marques da Silva, José Gildo Pereira Borges e José Milton Monteiro Araújo da Silva. A Cadeira 30 tem como fundador o contista Pedro Rabelo, como patrono o jornalista e romancista Pardal Mallet, e teve como titulares o advogado Heráclito Graça, o médico Antônio Austregésilo e o ensaísta, filólogo e lexicógrafo Aurélio Buarque, além de Nélida Piñon.

O presidente da ABL, Merval Pereira, destacou a atuação da nova acadêmica: “Ela é uma feminista pioneira. Isso tem muita importância para nós, temos várias representantes desse movimento. Heloísa é uma intelectual que há muito tempo estuda questões específicas da literatura brasileira, de jovens e de periferias. Ela se destacou como professora e estudiosa no trabalho de divulgação e análise dessas literaturas de cadernos de mimeógrafos, panfletos, distribuídos nas ruas. Descobriu neste veio importância cultural, lançou vários poetas importantes. Marcou presença na cultura brasileira e, por isso, está aqui”, afirmou Merval.



O presidente da ABL, Merval Pereira, votando na urna eletrônica, pela primeira vez utilizada na história da instituição.



Os acadêmicos Domicio Proença Fº e Heloísa Buarque de Hollanda.



Zuenir Ventura com a colega Heloísa Buarque de Hollanda.

# Ricardo Cavaliere é eleito imortal

Por Maria Cabral

Fotos: Michael Félix

O filólogo Ricardo Cavaliere foi eleito para a cadeira número 8 da Academia Brasileira de Letras. Com 35 votos (contra dois do quadrista Mauricio de Souza e um voto em branco), ele vai substituir a saudosa professora Cleonice Berardinelli, que morreu no dia 31 de janeiro, aos 106 anos. A especialista em literatura portuguesa foi a sétima mulher a ser eleita para assumir a cadeira. O filólogo era visto como uma boa opção, já que a instituição tem a tradição de fazer substituições com quem tem especialidades parecidas com as de seu antecessor.

A Cadeira 8 tem como fundador o professor e poeta Alberto de Oliveira, como patrono o advogado e poeta Cláudio Manuel da Costa, e teve como titulares o sociólogo e jurista Oliveira Viana, o professor, jornalista e cronista, Austregésilo de Athayde, o jornalista e romancista, Antonio Callado, o crítico literário Antônio Olinto, além de Cleonice Berardinelli.

Assim como na eleição de Heloisa Buarque de Hollanda para a cadeira 30, a votação que escolheu Ricardo Cavaliere foi realizada em urnas eletrônicas do TRE. Vinte e três acadêmicos escolheram seu candidato eletronicamente, enquanto 14 o fizeram por carta.

O jornalista Merval Pereira, presidente da ABL, destacou a importância da presença dos filólogos na Casa de Machado: “A função básica da ABL é cuidar da língua portuguesa. Então, é fundamental a gente ter grandes filólogos conosco. Nós já temos o maior de todos, Evanildo Bechara, e agora temos o Cavaliere, que também é um dos maiores filólogos do país. E a gente tem um projeto em andamento, ainda muito incipiente, que é fazer um dicionário. Ele já será muito útil nessa questão.”

Ricardo Cavaliere possui graduação em Letras (Português/ Inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (1975), mestrado em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas) pela UFRJ (1990), e doutorado em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas), pela UFRJ (1997). Também possui graduação em Direito pela mesma universidade (1996). Fez estágio de pós-doutorado em História da Gramática no Brasil, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, sob supervisão do acadêmico ocupante da Cadeira nº 33, professor e filólogo, Evanildo Bechara. Tem experiência na área de Letras e Linguística, com ênfase na descrição do português e na historiografia dos estudos linguísticos. Dentre suas obras, destacam-se: *Fonologia e Morfologia na Gramática Científica Brasileira* e *Pontos Essenciais em Fonética e Fonologia*.

Atualmente é professor aposentado da Universidade Federal Fluminense, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. É membro da Academia Brasileira de Filologia, do Conselho Editorial da Editora Lexikon e da Editora Lucerna. Também é membro da revista *Todas as Letras* e diretor da revista *Confluência*. Também possui experiência como conselheiro no Real Gabinete Português de Leitura, que lhe conferiu o título de Grande Benemérito. Foi, ainda, conselheiro do Liceu Literário Português. É membro de diversas associações nacionais e internacionais em sua área de investigação, entre elas a Société de Linguistique Romane, a Henry Sweet Society for the History of Linguistic Ideas e a Associação Brasileira de Linguística. É autor de mais de uma centena de trabalhos acadêmicos em sua especialidade, entre eles *Palavras Denotativas e Termos Afins: Uma visão argumentativa* (2009) e *A Gramática no Brasil: Ideias, percursos e parâmetros* (2014). Dentre os prêmios obtidos, destacam-se a medalha do Mérito Filológico da Academia Brasileira de Filologia (2018) e o Prêmio Celso Cunha da União Brasileira de Escritores (2015).

Sobre a importância da ABL, o filólogo declarou: “A eleição para a Academia Brasileira de Letras é o ponto culminante na carreira de quem milita na área de Letras. Pretendo cumprir um dos desígnios da Academia que é o cultivo da Língua Portuguesa.”



Ricardo Cavaliere e Godofredo de Oliveira Neto.



Ricardo Cavaliere e Evanildo Bechara.



O filólogo Ricardo Cavaliere (ao fundo à direita) entre outros imortais da ABL. Sentado à direita (de terno preto), o jornalista Merval Pereira, presidente da Academia.

# Para os pequeninos

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: [amor.anna2014@gmail.com](mailto:amor.anna2014@gmail.com)

Já estive em Bolonha, na Itália, várias vezes. Sempre encontrei um encantamento especial na Feira do Livro Infantil e Juvenil (Bologna Children's Book Fair). A criatividade dos estandes, a qualidade das obras, os encontros e palestras com autores, ilustradores e editores de vários países, a confraternização permanente com pares brasileiros no estande da FNLIJ, a alegria de festejar os prêmios do IBBY –, Bolonha é sempre uma festa. Este ano o evento completou 60 anos.

A cidade também nos proporciona outras atividades correlatas, além da própria Feira: a exposição de ilustradores selecionados e os livros premiados em diferentes categorias oferecem um panorama do que há de melhor em edições primorosas.

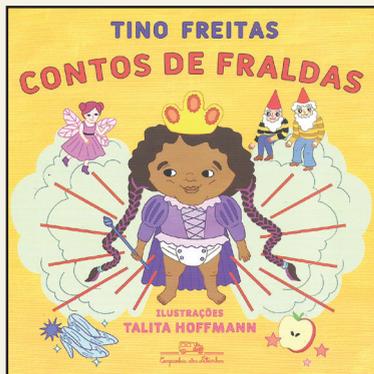


Uma visita à Biblioteca Salaborsa, em frente à estátua do Netuno, nos permite conhecer um espaço cuidadosamente planejado, com destaques para os livros infantis. Ali conheci a Biblioteca de Bebês e a frase na porta resume o objetivo do espaço: “Coloque a sua criança nos braços e leia com ela” (tradução livre).

Tudo isso foi revivido por mim em recente lançamento na Livraria da Travessa de Ipanema. O ambiente adaptado ao pequeno leitor é um agradável convite. O pequeno Eduardo acena para o pai e o envolve no encantamento do livro que escolheu. Atenção, parceria e amor!



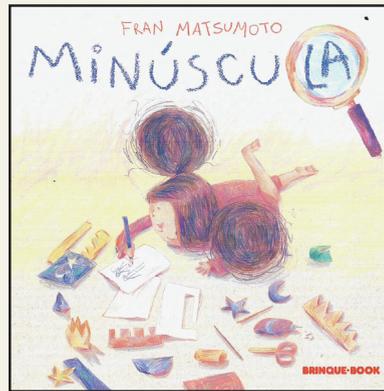
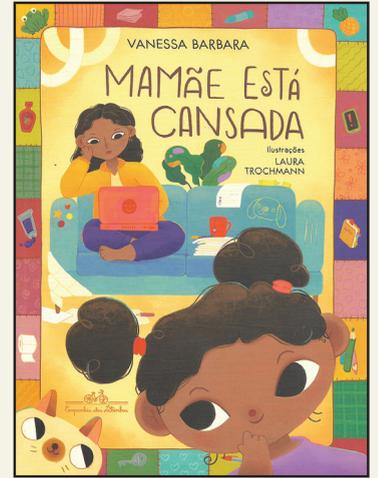
Nossa página apresenta uma seleção especial de livros com histórias divertidas para leitura com bebês e pequenos leitores.



*Contos de Fraldas* – Tino Freitas, ilustrações de Talita Hoffmann (Companhia das Letrinhas) – Será que os sapatinhos de cristal ficarão confortáveis na filhinha da Cinderela? Quem será que vai tomar conta do bebê da Branca de Neve? E a Rapunzel, será que encontrará o trono certo? Histórias divertidas baseadas nos contos tradicionais irão proporcionar muitas risadas nos pequenos... e nos adultos também!

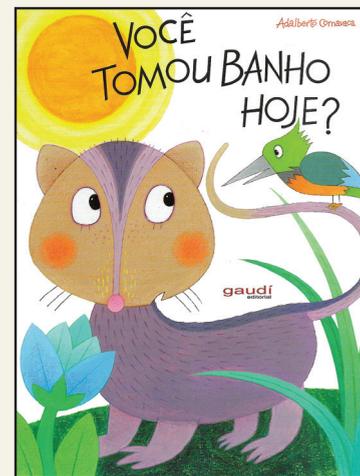


*Mamãe Está Cansada* – Vanessa Barbara escreveu e Laura Trochmann ilustrou (Companhia das Letrinhas) – Por que será que a mamãe está tão cansada? Quanta energia cabe numa criança? Com certeza a mãe dessa história já tem as respostas! É tanta criatividade, estripulias, pinturas, experimentos, danças, batuques... Agora eu entendi o motivo. E você? Mais uma história divertida para alegrar a criançada.



*Minúscula* – Fran Matsumoto escreveu e ilustrou (Brinque-Book) – A menina, ansiosa, esperava a irmãzinha chegar com muitos planos para brincarem juntas. Mas, ela veio tão pequenininha, tão frágil, tão... minúscula! Mas também é tão fofinha!

*Teleco e Teco* – Texto e ilustrações de Mauricio Veneza (LÊ) – Teleco, Teco e Tiquinha são amigos. Adoram brincar juntos e jogar bola. Sansão, o grandalhão, vem logo acabar com a brincadeira. Mas aí aparece uma outra amiguinha, bem pequenininha e dá um jeito no valentão. Delícia!



*Você Tomou Banho Hoje?* – Adalberto Cornavaca escreveu e ilustrou (Gaudí) – O título engana por parecer um daqueles livros de antigamente que tentava ensinar boas maneiras à garotada. Mas é uma história de amigos queridos e com ilustrações deliciosas. Contar essa história aos pequenos será bem divertido. Ah! Em tempo! Será que o sapo tem mesmo chulé? Vejam também *Você escovou os dentes hoje?* do mesmo autor e com a mesma boa ideia.

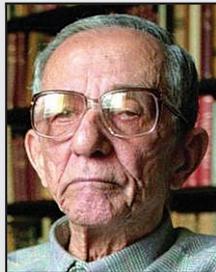


*De Onde Vêm os Penicos?* – Texto e ilustrações de Guido Van Genechten, tradução de Camila Werner (Brinque-Book) – O ratinho esperto não se engana. Ele sabe muito bem de onde vêm os penicos e ensina aos amigos como usá-los. Agora é só experimentar!

# BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



## CYRO DOS ANJOS

Cyro Versiani dos Anjos, jornalista, professor, cronista, romancista, ensaísta e memorialista, nasceu em Montes Claros, MG, em 05/10/1906, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 04/08/1994. Cursou Direito na Universidade Federal de

Minas Gerais. Trabalhou no *Diário da Tarde* (1927); no *Diário do Comércio* (1928); no *Diário da Manhã* (1920); no *Diário de Minas* (1929-1931); em *A Tribuna* (1933) e no *Estado de Minas* (1934-1935). Em Minas, exerceu os seguintes cargos: oficial de gabinete do secretário das Finanças (1931-1935); oficial de gabinete do governador (1935-1938); diretor da Imprensa Oficial (1938-1940); membro do Conselho Administrativo do Estado (1940-1942); presidente do mesmo Conselho (1942-1945). Foi professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (1940-1946). Em 1957, foi nomeado sub-chefe do gabinete civil da Presidência da República. Foi conselheiro do Tribunal de Contas e de professor da Universidade. Participou da Comissão designada pelo Governo Federal, em 1960, para planejar a Universidade Nacional do Brasília, vindo a ocupar a função de coordenador do Instituto de Letras da mesma Universidade. Aposentado em 1976, voltou a residir no Rio. Recebeu os seguintes prêmios literários: da Academia Brasileira de Letras, pelo romance *Abdias* (1945); do PEN Clube do Brasil e da Câmara Brasileira do Livro, pelos livros *Explorações no Tempo* (1963) e *A Menina do Sobrado* (1979).

acervo JL



## MAURÍCIO DE MEDEIROS

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, RJ, a 14/07/1885. Era filho de José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e de Maria Carolina Ribeiro de Medeiros.

Faleceu Maurício na mesma cidade a 23/06/1966. Um de seus irmãos, Medeiros e Albuquerque, foi figura de relevante destaque na história dos primórdios da República no Brasil, tendo ocupado, na década de 1920, a presidência da Academia Brasileira de Letras. Médico, professor, escritor e político, estudou no Colégio Pedro II e na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, da qual viria a ser um dos professores catedráticos. Fez cursos na França, nos anos de 1906 e 1907. De volta ao Brasil, colaborou em alguns periódicos do Rio de Janeiro e de São Paulo, entre os quais a *Gazeta de Notícias* e o *Correio Paulistano* – nos anos de 1908 e 1909. Retomada a atividade jornalística no Brasil em 1920, colaborou nos anos seguintes em *A Gazeta*, de São Paulo, e em *A Noite*, *Correio da Manhã* e *Diário Carioca*, do Rio de Janeiro. Foi eleito deputado estadual no Estado do Rio de Janeiro em 1916, e deputado federal em 1921. Voltou a ser eleito para a Câmara dos Deputados em 1927 e 1930. Em 1950, foi nomeado chefe da delegação brasileira no I Congresso Mundial de Psiquiatria. Participou, também, dos congressos de Neuropatologia realizados em Roma e Londres, nos anos de 1952 e 1955, respectivamente. Exerceu o cargo de Ministro da Saúde nos governos de Nereu Ramos e de Juscelino Kubitschek de Oliveira.

acervo JL



## CASSIANO RICARDO

Cassiano Ricardo Leite, poeta, jornalista e ensaísta, nasceu em São José dos Campos, SP, em 26/07/1895, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 14/01/1974. Aos 16 anos, publicava o primeiro livro de poesias, *Dentro da Noite*. Foi

um dos líderes do movimento pela Semana de Arte Moderna de 1922. Trabalhou no *Correio Paulistano* (de 1923 a 1930), como redator, e dirigiu *A Manhã*, do Rio de Janeiro (de 1940 a 1944). Em 1924, fundou a *Novíssima*, também foi o criador das revistas *Planalto* (1930) e *Invenção* (1962). Eleito, em 1950, presidente do Clube da Poesia em São Paulo, foi várias vezes reeleito. As obras *Vamos Caçar Papagaios* (1926), *Borrões de Verde e Amarelo* (1927) e *Martim Cererê* (1928) estão entre as mais representativas do Modernismo. Historiador e ensaísta, publicou, em 1940, um livro de grande repercussão, *Marcha para Oeste*, em que estuda o movimento das entradas e bandeiras. Cassiano Ricardo pertenceu ao Conselho Federal de Cultura e à Academia Paulista de Letras. Na Academia Brasileira de Letras, teve atuação expressiva. Relator da Comissão de Poesia em 1937, redigiu parecer concedendo a láurea ao livro *Viagem*, de Cecília Meireles. Saiu vitorioso, e *Viagem* foi o primeiro livro da corrente moderna consagrado na Academia. Ao lado de Manuel Bandeira, Alceu Amoroso Lima e Múcio Leão, Cassiano Ricardo levou adiante o processo de renovação da Instituição, para garantir o ingresso dos verdadeiros valores.

# Sistema, norma, estilo

Por José Augusto Carvalho\*

Há gramáticos, entre os quais Napoleão Mendes de Almeida, que repudiam como erradas as expressões *tevé a cores* e *tevé de cores*, e recomendam apenas *tevé em cores*, sob a alegação de que, no Brasil, não se diz *tevé a preto e branco*, mas apenas *tevé em preto e branco*. Na verdade, a expressão *tevé em cores* é menos vernácula do que *tevé a cores*, já que *tevé em cores* me parece um galicismo (cf. *télé en couleurs*). Em Portugal, diz-se televisão a cores/a preto e branco. Ora, as preposições a, de e em, com frequência, se podem intercambiar em várias expressões, sem que se possa afirmar que apenas uma seja a correta. Senão vejamos: fogão à lenha / de lenha; panela de pressão / à pressão; vestido de muitas cores / em muitas cores; barco de vela / à vela; navio de vapor / a vapor. O fato de não se ouvir, no Brasil, *televisão a preto e branco* não significa que se trate de expressão condenável, mas apenas de um padrão não preferencial.

Sistema é um conjunto de elementos coordenados entre si que se relacionam e funcionam numa determinada estrutura. Em outras palavras, todo sistema é uma rede de relações. Sistema, do ponto de vista linguístico, é o conjunto de relações numa determinada língua, assim como o conjunto de relações entre fios, lâmpadas, faróis, dínamo e bateria constitui o sistema elétrico de um carro. Norma é aquilo que é usual entre os falantes de uma determinada língua. Assim, temos uma norma no dialeto caipira como temos uma norma no dialeto do brasileiro culto. Norma culta, portanto, é o que é normal na linguagem de uma pessoa culta. A sibilante surda entre o silêncio e uma vogal tônica admite a formação de um ditongo decrescente: nós > nós; rapaz > rapais. Essa é a norma no dialeto mineiro, mas a norma culta não admite esse ditongo.

A norma culta, de certa forma, é arbitrária por aceitar uma determinada forma em detrimento de outra; é artificial, por ser ideal e, ao mesmo tempo, difícil de atingir plenamente, porque uma pessoa não pode policiar a linguagem durante todo o tempo em que estiver falando e até mesmo escrevendo. Chama-se estilo ao maior ou menor grau de atenção que um falante dá à própria fala. A norma culta se caracteriza por ser um estilo refletido, de policiamento da própria fala, em oposição a um estilo descontraído, em que a pessoa dá mais importância ao que diz do que ao modo como diz. Há cinco tipos de estilo, do mais formal (como o de um discurso a uma autoridade) ao menos formal (familiar), passando pelo semiformal (linguagem de um professor em aula), pelo coloquial tenso (um

cronista ou jornalista escrevendo sua notícia) e pelo coloquial distenso (conversa entre amigos sobre, por exemplo, um jogo de futebol).

Curiosamente, um aluno meu no curso superior escreveu: O rapase me procurou (cito de memória). Ele queria dizer *rapaz*. Demorei a descobrir o porquê dessa grafia que não correspondia à norma do aluno que nunca usou *rapase* por *rapaz* nas conversas pessoais: ele dizia “Eu estava quais caindo” (quais = quase). Ele pensou, portanto, numa quarta proporcional: o nome *rapaz*, ele pronunciava “rapais”. Portanto, como escrevia *quase* e pronunciava “quais”, achou que *rapaz* tinha grafia semelhante (um exemplo de hipercorreção).

Num jogo de xadrez, as peças constituem um sistema. Se uma das peças é movida ou removida, o sistema é outro, porque se modificou a rede de relações, mas o jogo (a língua) permanece o mesmo. Antigamente, o sistema de demonstrativos na nossa língua tinha vários elementos, entre os quais, por exemplo: este, esse, aquele, aqueleste, isto, isso, aquilo... O sistema de demonstrativos mudou, porque alguns de seus termos desapareceram, mas a língua permaneceu a mesma. O sistema permite que se diga *à manhã*, como se diz *à tarde* e *à noite*, mas a norma não permite (cf. *de manhã, de tarde, de noite*). O sistema aceita que o feminino de *diretor* seja tanto *diretora* quanto *diretriz* (cf. *ator/atriz*), mas a norma reservou *diretriz* para a metalinguagem da ciência, e reservou apenas *diretora* para o feminino de diretor. O sistema admite que se diga *mulher superiora*, mas a norma estabeleceu que o feminino de *superior* só deva ser usado para a freira diretora de um convento: *madre superiora*. Da mesma forma, é a norma que não permite que se diga, por exemplo, *televisão de cores*, embora o sistema permita essa construção. Se uma criança diz *fazi* em lugar de *fiz*, ela se guia pelo sistema (cf.: *correr* → *corrê*), mas a norma leva-nos a dizer apenas *fiz*, e corrigimos a criança que diz *fazi*. O sistema permite que se diga *presidenta*, como se diz *governanta* (feminino de governante) e *infanta* (feminino de infante), mas a norma não permite que se diga *estudenta* para o feminino de estudante, nem *gerenta* para o feminino de gerente, embora o sistema permita esses femininos, mas tanto o sistema quanto a norma admitem o feminino *presidenta*. A norma restringe o sistema. O feminino dos nomes em -ês, como português, por exemplo, se forma acrescentando-se um a ao nome: portuguesa. Mas a norma não permite que se diga *burrinha pedresa*, e só admite *pedrês* como nome invariável em gênero. A norma não se explica: ela estabelece. Por isso não podemos explicar por que se admite o feminino *governanta* (de governante) e não se admita o feminino *estudenta* (para estudante).

\*José Augusto Carvalho, doutor em Língua Portuguesa pela USP, é autor de vários livros sobre língua portuguesa, como *Estudos de língua portuguesa*, de 2019, e *De Língua e Linguística*, de 2022, ambos pela editora Cajuína.



Por Zé Roberto

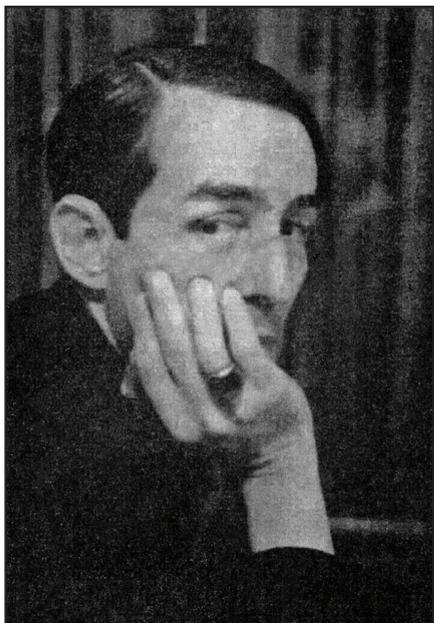


zerobertograuna@gmail.com

## O PEQUENO JORNALEIRO, DE FRITZ, COMPLETA 90 ANOS

A estátua “O Pequeno Jornaleiro”, famoso monumento que, há 90 anos, faz parte do cotidiano do cidadão carioca, foi inaugurada no dia 1º de junho de 1933, e exposta inicialmente na Av. Rio Branco, esquina da Rua dos Ourives (alameda que, em 1936, passou a se chamar Rua Miguel Couto). Em 1996, por conta das obras do Projeto Rio Cidade, foi transferida, para a Rua Sete de Setembro; depois, em 2016, devido as obras do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), a escultura foi para o depósito do Parque Noronha Santos, para retornar definitivamente à Av. Rio Branco, em 2019, fixada no pequeno largo entre as ruas Miguel Couto e Ouvidor. A História conta que a peça foi encomendada pela diretoria do jornal *A Noite*, na pessoa do caricaturista Vasco Lima, escultura que, na época, serviu como promoção para uma obra social da então primeira-dama do Brasil, esposa de Getúlio Vargas, Dona Darcy Vargas, – a Casa do Pequeno Jornaleiro, instituição que existe até hoje. A obra é tão interessante que os americanos adquiriram uma réplica da peça que faz parte do acervo do Museu Forest Lawn, Califórnia. Esta escultura é, provavelmente, a obra mais famosa do artista Fritz, pseudônimo de Anísio Oscar da Motta, mas o escultor foi também um consagrado caricaturista, com passagens em importantes jornais e revistas.

Fritz.



A famosa obra de Fritz.

americanos adquiriram uma réplica da peça que faz parte do acervo do Museu Forest Lawn, Califórnia. Esta escultura é, provavelmente, a obra mais famosa do artista Fritz, pseudônimo de Anísio Oscar da Motta, mas o escultor foi também um consagrado caricaturista, com passagens em importantes jornais e revistas.

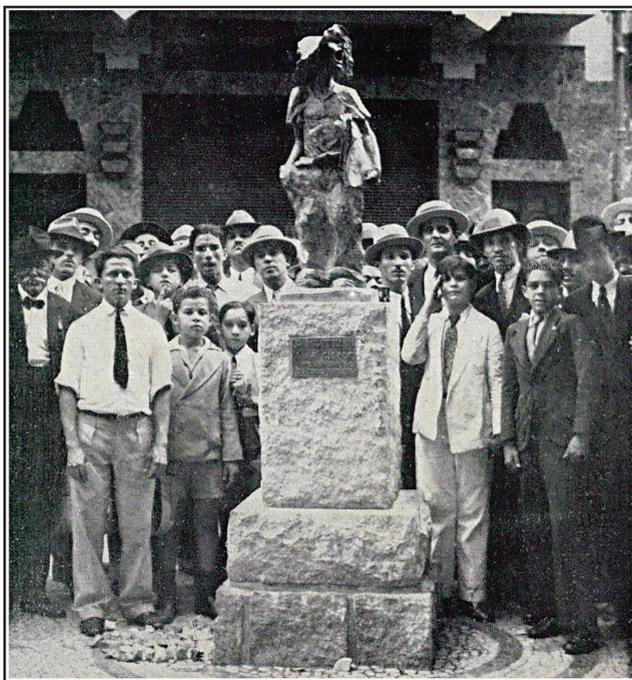
Nascido no dia 6 de setembro de 1895, Fritz surgiu no humor gráfico carioca quando assinou como “Anysio”, em sua estreia, ao publicar uma caricatura da pintora Sylvia Meyer, na revista *O Malho*, nº 420, em 1910, quando estava ainda com 15 anos. Depois, em

1913, fundou a revista *Figuras e Figurões*, quando na edição de agosto adotou a chancela que o tornou famoso. Seus desenhos também circularam por décadas em edições de jornais e revistas como *O Tico-Tico*, *Jornal do Brasil*, *Crítica*, *A Noite*, *O Globo*, *Época*, *Careta*, *Para Todos*, *Vamos Ler* e *Noite Ilustrada*, além do jornal argentino *La Prensa*, e os parisienses *Le Figaro* e *L'Express*. Fritz faleceu no dia 2 de fevereiro de 1969. Ao ser sepultado no Cemitério do Caju, recebeu no local as homenagens de quatro pequenos jornalistas. Dias depois, populares, jornalistas e seus colegas caricaturistas, entre eles Alvaro Cotrim, Vasco Lima e Luís Peixoto, realizaram uma homenagem ao artista, depositando flores aos pés de sua famosa escultura, na Avenida Rio Branco.

### Curiosidade

Em 2009, quando das comemorações do Centenário da ABI – Associação Brasileira de Imprensa, tive a oportunidade de ajudar a organizar uma exposição exaltando a importante data. A mostra coletiva contou com 54 desenhistas de humor e aconteceu nas galerias do CCJF – Centro Cultural da Justiça Federal, na Cinelândia. Na ocasião, participei com um desenho lembrando a arte de Fritz, charge que exibo nesta edição.

Saúde e Arte!

Foto publicada pela revista *Careta*, dias após a inauguração do monumento.

Para o Centenário da ABI, minha versão de O Pequeno Jornaleiro.



# Espelho das metamorfoses de um país

Por Ronaldo Cagiano\*



Em seu novo romance, *Querida Cidade* (Ed. Teodolito, Lisboa, 2023), que surge após um interregno de quinze anos sem publicar, cuja edição portuguesa foi lançada em fevereiro em Póvoa de Varzim, no evento internacional Correntes D'Escritas com a presença do autor, Antônio Torres dá continuidade a uma cartografia peculiar dos sertões geográficos e psicológicos e do seu interior territorial e emocional a partir de sua ancestral Junco, atual Sátiro Dias. Instância real e ao mesmo tempo mitológica de suas escrevivências, daí recolhe matéria para uma escritura que vem marcando a literatura brasileira, sobretudo por retratar as os movimentos migratórios e os choques por eles provocados na vida de seus personagens.

Eis uma obra densamente povoada de emoção criativa, intensidade semântica e linguagem poética, na qual percebe-se um puzzle narrativo a partir do núcleo temático dos deslocamentos que têm caracterizado sua vasta bibliografia. As histórias albergadas em seus romances e contos (entre os quais destacamos os antológicos *Essa Terra*, *Um táxi para Viena D'Austria*, *Um Cão Uivando para a Lua*, *Meu Querido Canibal*, *O Cachorro e o Lobo*,

*Carta ao bispo*) constituem o repositório dessa realidade tantas vezes cáustica e desafiadora, da qual não conseguem fugir as personagens, tantas vezes fragilizadas pela compulsoriedade de seus destinos, mas que por isso mesmo traduzem a sua dimensão essencial e humana.

É a partir da conversa com a mãe sobre o sumiço do pai que o gatilho da memória é deflagrado e deslinda-se o fio do romance, ao tentar desatar os nós de um passado pouco esclarecido e confuso para o filho. Ao sair de seu pequeno burgo nos idos de 1950, o protagonista – um menino de dez anos que sonha em descortinar mistérios e paragens – vai viver com um tio noutra cidade, na esperança de galgar escalas na vida, tendo o parente como exemplo de ascensão social. Esse sonho é interrompido pelo desaparecimento do seu novo protetor e seus planos de estudar e se progredir são frustrados.

Adolescente, sem em quem mais se apoiar, o menino precisa trabalhar para seu sustento e alugar um quarto. Aqueles efervescentes anos mudancistas, de bossa nova, de construção de Brasília, de vitória na copa do mundo e um otimismo sem fronteiras na esteira do desenvolvimentismo inaugurado por Juscelino Kubitschek, servem de pano de fundo para que AT, com sua inegável maestria e num viés analítico, explore os rumos e percalços do próprio país.

*Querida Cidade* rastreia um imaginário social, político e coletivo, em que os totens e referencialidades de uma geração – a música, a arquitetura, o cinema, o teatro, a literatura, o futebol – vão compondo, em rica intertextualidade, um enredo híbrido em sua forma, mas com uma temática subjacente, quando o Brasil profundo e desigual é o *leitmotiv* do autor. Num ritmo fragmentário, em que o fluxo de consciência e de memória culminam num rico caleidoscópio de uma época de profundas transformações, acaba por metaforizar não apenas o desejo íntimo do personagem de não perder o bonde da história, mas de um país cujas ambições vanguardistas e modernizadoras em curso serão frustradas com a ditadura pós golpe de 1964.

Como o Brasil, o personagem depara-se com atropelos, paradoxos e impossibilidades e a melancolia da interdição vai percorrendo toda narrativa, dando a senha para um mergulho em universos e ambientes distópicos. Entre o real e o onírico, há momentos de pura epifania, em que a *expertise* de AT se projeta com toda potência e carga simbólica nos recursos e planos de que se vale para o desenvolvimento da trama. Ao criar outras atmosferas dentro desse mundo, do vivido ao sonhado, o desejo, as fantasias e o delírio se entrelaçam em simbiótica relação, sensação que nos remete a Ana Hatherly, autora portuguesa, para quem “em arte a realidade verdadeiramente possível é a que nós inventamos”.

Passado e presente do personagem avultam numa sequência vertiginosa de relatos e situações às vezes insólitas ou suprarreais, ressonância dos melhores ecos do realismo mágico, valendo ressaltar as cenas em que, do alto de um prédio ilhado por água, o narrador se vê na torrente do rio existencial, lá onde seus fantasmas e obsessões emergem sem pudor e acabam por afogá-lo no rio tumultuário da solidão e no caudal caótico e espantoso das ilusões.

*Querida Cidade* vem confirmar o percurso literário de um autor, membro da Academia Brasileira de Letras, cujas obras transitam por nosso passado recente e que desnuda a realidade não apenas com a responsabilidade estética que toda arte demanda, mas com o compromisso ético de um escritor fiel ao seu mundo, ao seu tempo, às suas contradições e aos seus dilemas. Ao ler esse romance pungente, percebe-se estreita convergência da ficção de Antônio Torres com o que disse James Wood, crítico e ensaísta inglês em *A Máquina da Ficção*: “A literatura faz de nós melhores observadores da vida; e permite-nos exercitar o dom da própria vida; que por sua vez nos torna mais atentos ao detalhe na literatura; que por sua vez nos torna mais atentos ao detalhe na vida.”

\*Ronaldo Cagiano é escritor brasileiro, vive em Lisboa.

# Modiano e a busca de identidades obscuras

Por Getúlio Marcos Pereira Neves\*

Dentre os grandes prêmios literários, o Nobel mantém indiscutível prestígio. Atribuído pela primeira vez em 1901, ganhou um autor francês, o poeta e ensaísta Sully Prudhomme. Na última edição, de 2022, ganhou igualmente uma autora francesa, a romancista Annie Ernaux. Nesses cento e vinte anos de concessão do prêmio, em que foram distinguidos cento e dezenove indivíduos, autores francófonos foram os mais laureados, arrebatando dezesseis deles.

Outros, que não aritméticos, são os critérios que norteiam a escolha. O fato é que, tendo-se Jean-Paul Sartre recusado a receber o galardão em 1964 (prática que Sartre adotava com relação a premiações em geral), um autor francófono somente voltaria a ser distinguido em 1985: Claude Simon, nascido em Madagascar. O século XX se encerraria vendo outro francófono premiado pela Academia Sueca: o prêmio de 2000 arrebatou-o o chinês de nascimento Gao Xingjian. Entre o romancista e ensaísta Jean-Marie Le Clezio, que se seguiu a Xingjian em 2008, e Ernaux, a atual detentora, somente outro autor francófono seria contemplado: Patrick Modiano, em 2014.

Modiano nasceu em julho de 1945, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, tão devastadora para a França. As memórias de guerra marcam fortemente a sua obra ficcional, o que registrou a Academia Sueca ao justificar a atribuição. Como sempre acontece, a partir daí Modiano passou a ser (ainda) mais lido e publicado.

Em 1997, publicara *Dora Bruder*, livro dificilmente enquadrável do alto do rigorismo com que se costuma classificar gêneros literários. É Modiano às voltas com a ocupação nazista da França, conduzindo o narrador a uma busca. O ponto de partida, um anúncio de jornal; a pessoa procurada, uma menina, perdida dos pais naqueles anos obscuros. O narrador fareja pistas. Um detetive, um repórter investigativo, seguindo meio obcecado o fio condutor da história que depois pretendeu contar. Um ambiente, o literário, mórbido. Mesmo tendo Paris como início da busca, os recantos de Paris. Até Auschwitz.

Refletindo sobre o livro, tive ocasião de registrar que “a história às vezes contempla anônimos. A família Bruder, por meio de um anúncio de jornal postado no último dia do ano de 1941, faz lembrar todas as famílias que naqueles dias se viram dilaceradas, em nome de não se sabe o quê. Como Anne Frank, Dora Bruder evoca essa passagem. Mas, ao contrário daquela, sua voz não se ouve”. E, se me permitem prosseguir: “É a escrita de Modiano que a resgata para a vida. A vida das personagens literárias, que seja. Porque a pessoa de Dora Bruder, a menina de carne e osso, inocente e impotente, viu-se tragada pela estupidez. Como tantas e tantas outras pessoas, de que não nos ficaram o nome.”

Memória e ficção são as ferramentas de Patrick Modiano. Com que sai à busca da identidade do outro, de conhecer alguém. O que se vê também, por exemplo, em *No Café da Juventude Perdida*, de 2007. Neste último, impressões de quatro narradores sobre sua relação pessoal com a misteriosa Louki, filha de uma empregada do Moulin Rouge. Memória e identidade – em ambos os casos, de personagens anônimas, de vidas quase que à margem do registro oficial. Que fica muito bem à Literatura eternizar e galardoar.

\*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

## Lamentações

Por Raquel Naveira

O que me faz chorar? De onde vem essa necessidade de exprimir por meio de lamentos o que está preso na minha alma? De me derramar em desespero esta noite, as lágrimas correndo como ribeiros pelo meu rosto?

Jeremias (650a.C.-587a.C.) lamentou-se tanto diante de Jerusalém conquistada pela Babilônia do rei Nabucodonosor. A queda, o fim de um reino. O povo levado escravo para o cativeiro. Ficou conhecido como profeta chorão, que constatou as suas visões referentes à destruição da cidade serem cumpridas. Por dizer a verdade, foi espancado, aprisionado numa gaiola, teve sua vida constantemente ameaçada, mas se manteve como coluna de ferro em meio à adversidade e oposição. Sofreu desgaste emocional das muitas batalhas. Angustiado, deprimido, acabou jogado num poço lamacento. Um dia, desapareceu misteriosamente no deserto do Egito.

Também tenho reações de pesar quando vejo a destruição de São Paulo: os túneis cheios de mendigos e barracas de lona preta; crianças que pedem pão a cada esquina, desfalecendo nas ruas; malabaristas brincando com fogo nos semáforos; órfãos de pai e mãe, que já não existem, que se perderam nas drogas, que vagam como zumbis pelas vielas sujas e se encostam cansados nas estátuas de bronze; jovens que deixaram a música, a dança e os estudos e vendem seus corpos na sarjeta; mulheres estupradas com violência; homens enforcados nas árvores; velhos que não são mais reverenciados e abarrotam os asilos; as lojas lúgubres do

Bom Retiro com seus manequins fantasmagóricos; lixo transbordando pelas calçadas; os palacetes decadentes cobertos de pichações. Por todo lado, sente-se a infestação de morcegos. Há trilhas por onde vêm raposas. Por estas coisas eu ando chorando. Minhas entranhas estão se consumindo. Envelheço na minha carne e meus ossos se quebraram. A cada dia perece a minha força. Meu pranto é de absinto e fel. Dei milhares de vezes a face àqueles que me perseguem. Estou farta de afrontas. Aqui me separei de quem jamais gostaria de ter me separado. Choro e lamento por todos, pela cidade, por meus filhos e por mim mesma. Queixo-me de mim quando esquadrinho meu coração do alto deste viaduto.

Cassiano Ricardo (1895-1974), o poeta paulista, representante do modernismo, escreveu *Jeremias Sem-Chorar* (assim mesmo, com hífen). Criou um Jeremias integrado no mundo cibernético, eletrônico, astronáutico, planetário da era cósmica, impedido de chorar. Jeremias não chora por sete razões que ele expõe logo no começo do poema, mas se incorpora no desespero lúcido da ciência, da tecnologia. Um Jeremias aterrorizado e o aterrorizado não chora, assim como um naufrago não precisa chorar, pois é chorado por asfixia. Um Jeremias que confessa ter que percorrer o mundo e tudo ver sem chorar. Assistir impassível à guerra nuclear e à degolação de inocentes sem chorar. Sem uma única lágrima. Declara: “Lágrima?! Coisa íntima e ínfima/ diante do espetáculo.” Conclui que quem não chora, afinal, é apenas um pássaro que não canta.

Talvez haja esperança. Aguardo quieta, gemendo em silêncio, que cesse a fúria do vento. Que parem nas órbitas as meninas dos meus olhos. Que um feixe fino de luz, o farol de um carro talvez, se projete nessas trevas.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



# CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

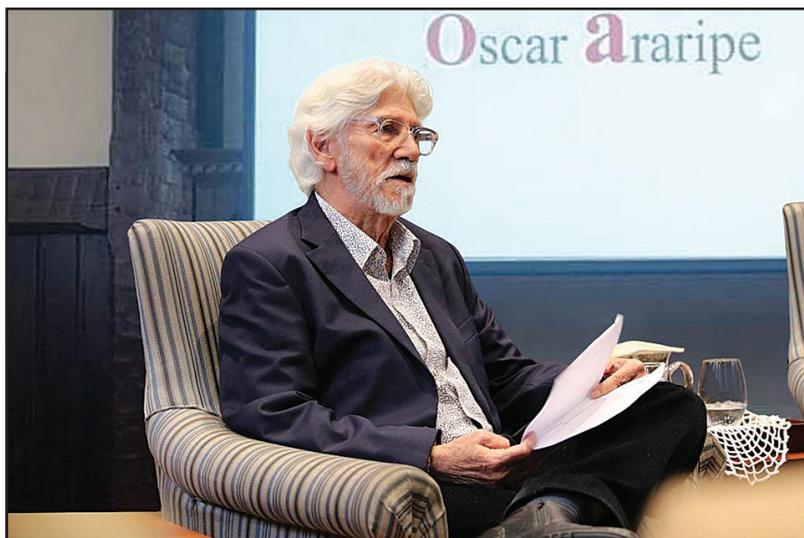
O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o “CNC Transforma”, movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em [afavordobrasil.cnc.org.br](http://afavordobrasil.cnc.org.br)



Trabalho a favor do Brasil.

# Fundação Oscar Araripe



Araripe durante palestra, em Harvard, sobre a Arte e a Cultura na sua trajetória.

A eleição da escritora Heloísa Buarque de Hollanda para a vaga da saudosa Nélida Pinõn, na cadeira 30 da Academia Brasileira de Letras, foi marcada por uma campanha inusitada, que trouxe ao noticiário o nome do artista plástico Oscar de Alencar Araripe. O pintor fora o primeiro a lançar, oficialmente, sua candidatura, um dia depois de realizada a sessão de saudade, em homenagem à acadêmica, no dia 2 de março.

Inovando como postulante à vaga, Araripe enviou aos acadêmicos uma carta bem-humorada, “assinada” por 5 *alencares* seus parentes em apoio a sua candidatura. No texto, José de Alencar, Rachel de Queiroz, Araripe Junior, Hélio Jaguaribe e Mario de Alencar exaltam a importância da arte da Pintura.

Heloísa Buarque de Hollanda, no entanto, recebeu 34 dos 37 votos válidos. A ABL continua sem um acadêmico de profissão pintor. Mas o nome de Araripe triplicou nas consultas de acesso às plataformas da internet e o site da Fundação que leva o seu nome é um sucesso que merece ampla divulgação.

A Fundação Oscar Araripe, com sede em Tiradentes, Minas Gerais, desenvolve projetos artísticos culturais e sociais nas áreas de Pintura, Literatura, Música, Teatro, Jornalismo, História e Meio-Ambiente.



Fachada da Galeria e da Fundação Oscar Araripe, em Tiradentes, MG, Brasil.

Entre os projetos em andamento, incluem-se o de catalogação e publicação de obras visuais e literárias do artista, exposições, palestras e a programação musical “Um Piano ao Anoitecer em Tiradentes”, além de intercâmbios com outros artistas, organizações afins e universidades. A instituição coordena também cursos

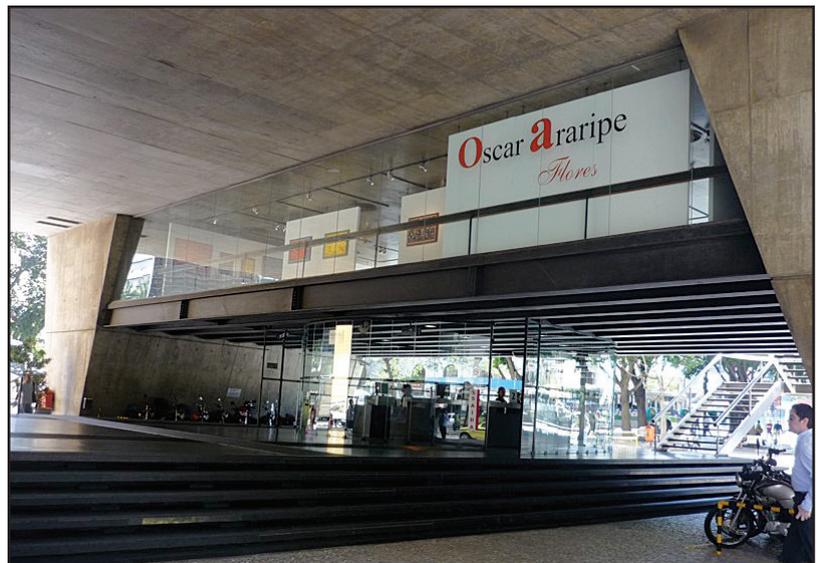


Localizado no Centro Histórico de Tiradentes, MG, o estúdio de Oscar Araripe foi considerado pelo *Guia Routard*, da França, como um dos mais bonitos do mundo.

artísticos com crianças e adultos, em Tiradentes e em outros locais.

Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Araripe, além de pintor e desenhista, é escritor, ensaísta, crítico e teórico de Arte e Cultura, arte-educador, periodista e animador cultural.

Em 2011, alcançou grande sucesso com a exposição *Flores*, na Galeria Manuel Bandeira da Academia Brasileira de Letras, apresentada por Sergio Rouanet e Alexei Bueno. Na ocasião, foi saudado por Domício Proença Filho e publicou o *artbook* bilíngue *Oscar Araripe*, uma caprichada edição de capa dura, com 348 páginas, cerca de quatrocentas imagens, textos do autor e fragmentos críticos de renomados intelectuais brasileiros e estrangeiros.



Em 2011, Oscar Araripe alcançou enorme sucesso com a exposição *Flores*, na Galeria Manuel Bandeira da Academia Brasileira de Letras.

Jornalista cultural no *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Última Hora*, escreveu o ensaio *China, o Pragmatismo Possível*, em 1974, e editou, com Augusto Rodrigues, o jornal *Arte e Educação*. O pintor possui galeria pessoal em Tiradentes desde 1992. Em 2018, foi o “Artista Homenageado” da Bienal das Artes de Brasília e recebeu o título de Cidadão Honorário de Ouro Preto, no Teatro da Ópera, onde, 50 anos antes, fez seu primeiro trabalho artístico – uma adaptação do *Romanceiro* da Inconfidência, de Cecília Meireles.

Atualmente, escreve *Minha Vida de Pintor*, que disponibiliza em seu site [www.oscarararipe.com.br](http://www.oscarararipe.com.br).

# Pílulas para o silêncio (Parte CC)

Por Clauder Arcanjo\*

Encontrei-me noite passada com o companheiro Acácio. Nunca o vira tão soturno: cabisbaixo, frente a um livro aberto, sem lê-lo, e com uma xícara de café a esfriar sobre a mesa. Isso numa cafeteria aqui próxima.

Ao tentar quebrar tão incômodo silêncio, saudando-o com um discreto boa-noite, Acácio, com os olhos marejados, vaticinou:

— A mediocridade está tomando conta de tudo, Clauder Arcanjo!

Em seguida, levantou-se e saiu sem me dar uma explicação. Ainda deixou a despesa para ser paga por mim.

...

Calixto Gonzaga era um cidadão de bem, assim toda Licânia o julgava. Até que, mês passado, num arroubo inexplicado, candidatou-se a síndico do condomínio em que reside.

Elaborou a sua plataforma de trabalho. Um total de doze laudas datilografadas, onde incutia – página sim, página não – algumas expressões em latim. Isso com o fito de evidenciar a sua forte ligação com os cidadãos de bem de outrora. Fixou-as em todos os quadros de aviso disponíveis. Sem mencionar que dis-

tribuíra cópias nas visitas a todos os condôminos.

– *Meum consilii est sicut vita mea!* – declarava ao se despedir.

Na abertura da urna, Calixto foi fragorosamente derrotado. Teve dois votos. Um, o dele. Quanto ao outro, nem Deus sabe.

Calixto Gonzaga decidiu mudar-se, não sem antes revisitar cada um dos moradores, enfiando nas oíças deles um rosário de impropérios impúblicáveis, em português de prostíbulo. Todos o ouviram em silêncio constrangido, apenas Cícero Crasso Galo o admoestou, serenamente:

– *Amat victoria curam.*

...

Dobrou a esquina apressado na tentativa de fugir de si mesmo, mas se encontrou com a sua sombra, junto ao poste logo à frente.

Tal reencontro o levou às lágrimas, abraçado ao poste, enquanto os passantes nada daquela cena entendiam.

...

Companheiro Acácio me asseverou que as guerras vão dar uma trégua nas próximas semanas.

Ao lhe indagar como se daria tão sonhado armistício, Acácio me disse sem perda de tempo:

– Os dirigentes das nações beligerantes só poderão prosseguir com as batalhas depois da leitura completa da obra *Guerra e Paz*, de Tolstói.

Frente ao meu ar espantado, companheiro Acácio depressa arrematou:

– Esses líderes nunca darão conta do combinado em menos de três meses! São todos uns analfa...

...

Toda laranja se torna doce se a chuparmos logo depois de um limão bravo.



Pintura "Trovador", de Rufino Tamayo.

\*Clauder Arcanjo é escritor e editor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



## Toda teoRiA tem um LaDO PRático. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

**Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.**

**Conheça alguns serviços ofertados:**

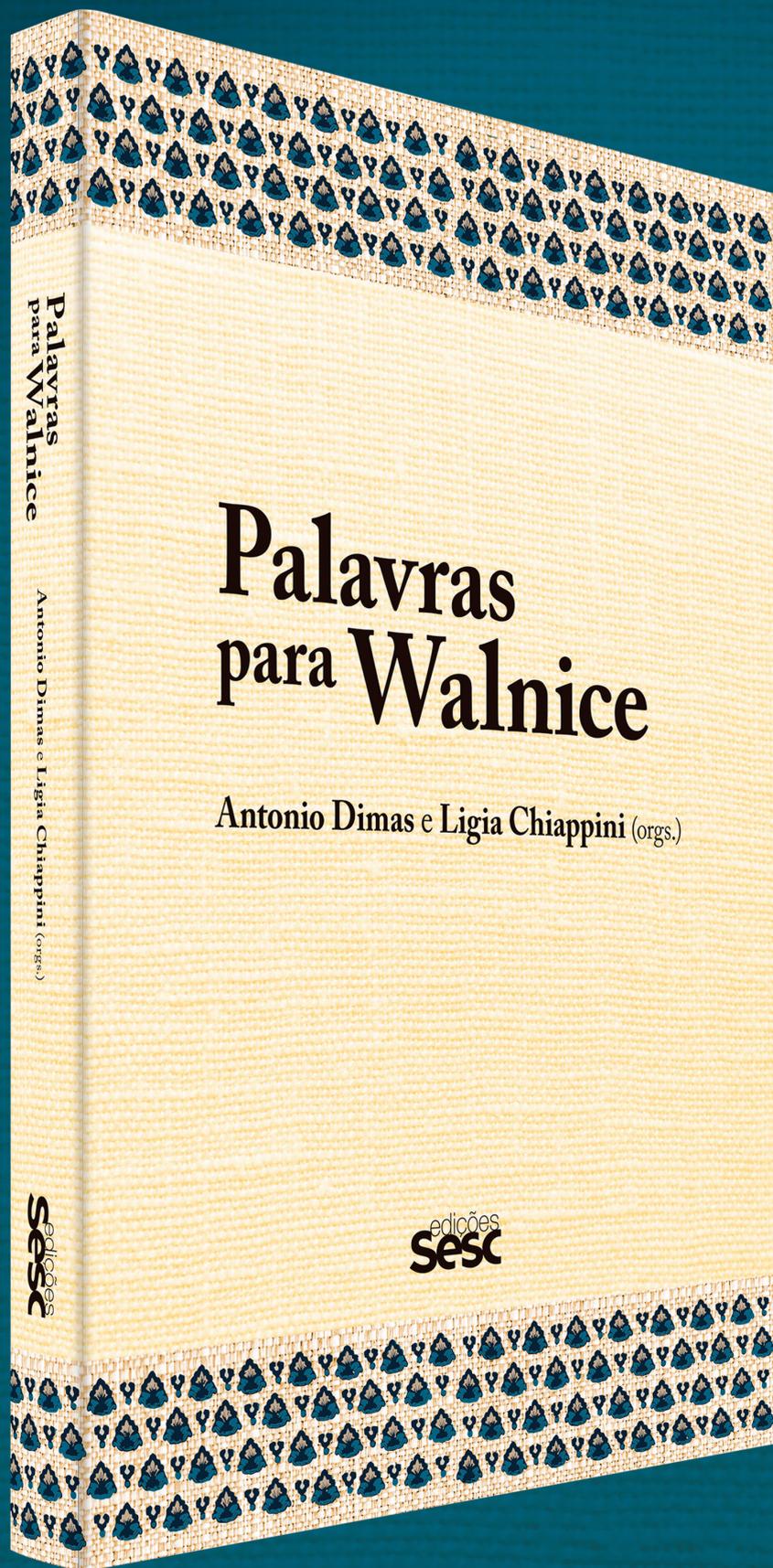
- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

**FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !**

**INFORMAÇÕES:**  
Disque Estudante  
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site [www.ciee.org.br](http://www.ciee.org.br)



Textos de

Afonso Galvão Ferreira

Antonio Candido

Benjamin Abdala Júnior

Beth Brait

Betty Mindlin

Celso Lafer

Ettore Finazzi-Agrò

Eugenia Zerbin

Flávio Aguiar

Jacqueline Penjon

João Roberto Faria

Jorge Schwartz

K. David Jackson

Marcel Vejmelka

Marcus V. Mazzari

Marilena Chaui

Michel Riaudel

Salete de Almeida Cara

Šárka Grauová

Willi Bolle

# UMA HOMENAGEM

Testemunhos, impressões e lembranças – e releituras acerca das obras de autores como Euclides da Cunha e Guimarães Rosa – celebram as contribuições de Walnice Nogueira Galvão, uma das vozes mais potentes na crítica às artes do Brasil e do mundo.

[sescsp.org.br/edicoes](http://sescsp.org.br/edicoes)

    /edicoessescsp

Apoio cultural  
publicações  
**BBM**

edições  
**Sesc**